

a Liahona

JANEIRO DE 1966

STEREO

CBS MASTERWORKS

O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, **Dr. Richard P. Condie,** *Diretor*

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, Regente

Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



Pai Nosso *(The Lord's Prayer)*
Vinde, oh Santos! *(Come, come ye Saints)*
Bem-aventurados os que choram *(Blessed are they that mourn)*
Oh, meu Pai! *(O, my Father)*
Da Côrte Celeste *(How great the wisdom and the love)*
Sanctus, Sanctus, Sanctus *(Holy, Holy, Holy)*
Salmo 148 *(148th Psalm)*
Eis um menino nos nasceu *(For unto us a Child is born)*
As lamentações de Davi *(David's Lamentations)*
Londonderry Air
Vencendo com Jesus *(Battle Hymn of the Republic)*

CBS

MONAURAL - 60098

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*
Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecidíssima elocução cristã tal como se encontra na parte final do **Oratório do Livro dos Mórmons,** de Leroy J. Robertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sôbre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*
Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive **Chester,** um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), êle nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: *(Arr. de Ralph Baldwin)*
Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes côr-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, êle sentiu que a alma da nação estava tôda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para êste interêsse do que **"Londonderry Air"** — trabalho de muitos campônios, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contôrno melódico sobe três vêzes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, êstes afáveis campônios elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)*
A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecilia. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católico-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côrte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)*
Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*
Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado nu'a melodia do Saltério Genebrês (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sôbre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, tôdas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*
Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuia profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinàriamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de rehaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interêsse dêste jovem e talentoso compôsitor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa **obligato** no segundo verso, que soa nostàlgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Wilhousky: *Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)*
De uma experiência estética com as flôres de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultâneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporàriamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Aleluia! Amén!"

Notas de *JAY WELCH*
Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" ® Marcas Registradas - Industria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

índice

O que os profetas dos últimos dias falaram sôbre ensinar e viver o evangelho no lar 16
Aleta 18
Êles apreciavam ensinar e viver o evangelho no lar 20
Poesia 34
Artigo de capa 35

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Sacerdócio Aarônico 6
Sacerdócio de Melquisedeque 7
Escola Dominical 8
Juventude da Promessa 11
Meu Cantinho 22
Genealogia 24
Página Feminina 26
Noite Familiar 29

a liahona

JANEIRO DE 1966

VOL. XX — N.º 1

Órgão oficial das Missões Brasileiras da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editôres
Gustav Salik
Hélio da Rocha Camargo

Redatora
Laís N. Manzotti

Fotógrafos
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

Tradutoras
Isabel P. Gaertner
Merly Pikel
Mirna Teixeira
Tereza Cristina da Rocha Costa

Circulação
Nilza Guimarães Aoto (MBS)

PREÇOS:

Exterior: ANO ..... US$ 4.00
No Brasil: ANO ..... Cr$ 3.000
Exemplar: ..... Cr$ 50

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215, C. P. 862, S. Paulo, SP, fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778, Curitiba, PR, fone: 4-8016

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar apenas os artigos solicitados pelos editôres.

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend.*

Registrado sob Nº 93 do Livro B, Nº 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto Nº 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento



RICHARD L. EVANS

O SIGNIFICADO DA DISCIPLINA

Existe um assunto a ser considerado — assunto talvez não popular, mas não necessàriamente negativo. Estas frases sôbre disciplina provêm de um dicionário de definições: "educar, desenvolver através de instrução e exercício, ensinar, ordenar e corrigir o modo de render sujeição afetiva, subjugar desejos e paixões... treinar-se em auto-contrôle e obediência aos padrões dados."

Uma das maiores bênçãos que pode haver na vida de uma criança, jovem ou qualquer outra pessoa — é a inteligência e a disciplina construtiva — primeiramente a própria disciplina e depois, quando necessário, a disciplina paciente, persuasiva e compreensiva em relação aos outros.

Thomas Kempis disse: "Aquêle que vive sem disciplina está expôsto a grandes ruínas. Quem trava maior batalha do que aquêle que luta pelo domínio próprio? Êste deveria ser nosso esfôrço," acrescentou, "conseguir ter domínio próprio e crescer cada vez mais, até a perfeição."

"A primeira lei dada por Deus ao homem," observou Montaigne, "foi a lei da obediência..." Os pais devem lembrar-se disto (citando nova fonte): "Requerer coisas justas e razoáveis," se quiserem obediência.

Das ordens impróprias, surgem resistências que não são fàcilmente vencidas. Por outro lado, "... indulgência não faz bem às crianças," como observou John Locke; "sua ânsia de julgamentos faz com que esperem sujeição e disciplina." Chegará o tempo em que não precisarão de vara e correção ... por isso, o que tiverem de receber como educação e o que deve dirigir suas vidas são hábitos baseados nos princípios da natureza...

Ninguém tem tudo que quer, ninguém faz tudo que quer. O mundo seria caótico se pudéssemos ter tudo e fazer tudo. Aprender desde o começo é bom, mas é melhor tarde do que nunca. "A melhor escola de disciplina é o lar," disse Samuel Smiles. "E o lar — a vida familiar, é o meio que Deus usa no treinamento da mocidade..." É dever perene dos pais aconselhar os filhos por meios calmos e persuasivos — ensinar auto-contrôle, obediência, respeito às autoridades, às leis, ao povo, aos princípios — e, preferìvelmente, não de maneira punitiva, mas positiva.

Os Elos de Ternura



Quem são essas crianças que vêm regozijar os corações dos maridos e espôsas, tornando-os pais e mães? Mais de uma vez usei esta definição: a criança é um botão de flor da humanidade, caído do jardim de Deus para florescer aqui na terra.

E que muitas influências afetam as crianças, isso sabemos. Mas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias o lar vem em primeiro lugar. Deus colocou sôbre a cabeça dos pais uma das maiores responsabilidades que podem surgir na vida de uma pessoa. Vejam o que Êle diz:

"... se em Sião houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, do batismo e dom do Espírito Santo, pela imposição das mãos, ao alcançarem os oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado." (D&C 68:25)

Creio que em geral os pais fazem isso, ainda que eu esteja convencido de que existem muitas oportunidades para melhorarem em relação a êste assunto. As sugestões para seus programas familiares ajudá-los-ão a fazer mais.

Torne cada hora, cada minuto que passa junto com a família, uma coisa preciosa. Seu exemplo ensinará mais efetivamente os filhos do que suas palavras. Dos lares bem formados é que surgem os futuros líderes da Igreja e do govêrno.

São êstes os pequenos elos de influência que moldam e formam a vida das crianças, até que a mocidade comece a fazer sua parte.

As fôrças que fazem com que êsses elos penetrem na vida das crianças são o lar, o parque infantil, a escola, os amigos e a sociedade. Milhares de pessoas hoje em dia estão trabalhando para orientar as influências da escola, do parque, da sociedade e várias outras atividades, para que os elos encaminhem a mocidade na direção certa. Mas como podemos observar, tôdas essas fôrças estão fora do lar.

Mas a primeira e mais importante influência no desenvolvimento e educação da criança é a família. "O lar virtuoso é a base da prosperidade na nação."

"A fôrça da nação, especialmente de uma nação republicana," disse certo escritor, "está nos lares inteligentes e bem ordenados."

"Para fazer homens de meninos e mulheres de meninas, não há melhor lugar do que o lar."

Quais são as influências fundamentais do lar na vida de uma criança? Citarei primeiramente a influência física. A segurança física de uma criança depende da proteção do lar. Um lar sadio envolve conhecimento da parte dos pais, especialmente da mãe, quanto aos cuidados físicos, alimentação própria, higiene diária, roupas próprias, comida limpa, incluindo-se água, ar puro e proteção contra aciden-

Presidente David O. McKay

Mensagem de Inspiração

tes. Um lar requer bons hábitos de saúde, por instrução dos pais e seus exemplos ao comer, dormir, fazer exercícios. Não me prolongarei sôbre esta fase das condições fundamentais do lar; se pudermos ter lares bem arejados, se soubermos que espécie de comida darmos aos nossos filhos, estaremos contribuindo para a saúde e felicidade dos mesmos.

Cito como segunda influência as oportunidades de educação. Os pais devem dirigir os interêsses culturais e demonstrar vontade de responder às perguntas.

Uma criança que pergunta, está contribuindo para a felicidade de sua vida. Feliz é a criança cujos pais podem deixar seu trabalho, ocasionalmente, para encorajá-la num jôgo ou brinquedo construtivo ou passar algumas horas com ela nos estudos. Quem pode dizer do valor cultural da associação de uma criança com sua mãe — uma criança que vislumbra a beleza do pôr do sol, as belezas da natureza, através dos olhos de seus pais? Em sua vida futura, jamais olhará para essa beleza sem lembrar dêles. São êsses os elos que levam a mocidade nos passos de ternura e humanidade.

Inculquemos nas vidas de nossos filhos uma nobreza de alma que os leve a amar indistintamente a beleza, a virtude e evitar instintivamente a feiura e a vileza.

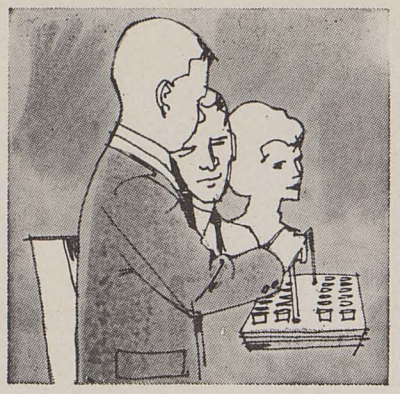
As influências físicas e culturais são importantes, mas simplesmente mencionei-as para antevisar o que considero a mais importante, embora a mais abstrata na vida de uma criança. Refiro-me à influência pessoal do lar. O fator mais importante na vida de uma criança é a inteiração de sua personalidade dentro do grupo familiar.

Quem pode medir a influência do lar? A saúde é importante, a cultura e o físico também, mas muito mais importante do que todos êsses fatôres é aquela combinação de influências pessoais centralizadas na mãe.

Se conseguirmos em nossos lares o espírito do evangelho, — conseguir que os filhos sintam amor pelos pais e uns pelos outros, bem como amor pelo evangelho através da mãe — nossos problemas estarão resolvidos.

Que Deus nos ajude a termos em nossos lares, no mais alto grau, os ideais do evangelho de Jesus Cristo. Para isso, façamos nossos filhos ajoelharem-se conosco em oração mais freqüentemente. Falemos do evangelho mais repetidamente, fazendo e respondendo perguntas sôbre o mesmo. Sigamos sempre os mandamentos de Deus para esta dispensação, conforme a escritura já citada, "... se em Sião houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, do batismo e dom do Espírito Santo, pela imposição das mãos, ao alcançarem os oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado." (Idem)

Deus abençôe os lares dos santos dos últimos dias.



Sacerdócio Aarônico

CREIO NISTO...

Mark R. Nixon

Creio que ganhar conhecimento é uma de nossas maiores responsabilidades. Além disso, creio que como membros da Igreja, freqüentemente falhamos em aproveitar a maior oportunidade de aprender jamais concedida a qualquer pessoa. Creio que esta oportunidade é o lar.

É no lar que se discutem os problemas. Sem o apôio dos pais e irmãos sei que eu poderia perder a perspectiva real dos objetivos e metas desta vida.

A Igreja está contìnuamente tentando fortalecer seus elos e diminuir as lacunas existentes entre pais e filhos. Ao sair com meu pai para as excursões do Sacerdócio Aarônico e em tôdas as ocasiões de acampamento, aprendo com êle e aprendo mais a seu respeito. Divertimo-nos tanto quando saímos em família! É a ocasião em que brincamos, fazemos troça uns dos outros e aceitamos tudo na esportiva.

Creio que tôdas as organizações são auxiliares do lar. Quando ouço algo ainda nôvo para mim ou algo que não entendo numa reunião do sacerdócio ou Escola Dominical ou ainda na AMM, pergunto a meu pai. Êle é capaz de explicar mais detalhadamente algo que não tivemos ocasião de esclarecer na aula. É através de meus pais que a maioria dos conhecimentos sôbre a doutrina da Igreja chega até mim. Tenho notado que a Igreja vem trazendo nossas lições para o lar por meio de vários programas, começando pela Primária. Êste programa permite que as crianças perguntem e os pais sigam o que a criança está fazendo. Mesmo antes dêsse programa ter-se iniciado, meus pais sempre comentavam na hora do jantar o que fôra dito na conferência ou na Reunião Sacramental e às vêzes recompensavam aquêle que mais se lembrava.

Já mencionei antes que é no lar que somos primeiramente ensinados a orar. Nem me lembro mais de quando não podia oferecer minhas orações à noite, antes de me deitar. Observo agora meus irmãos mais novos aprendendo a pedir a bênção do alimento. Noto como é necessário ter-se paciência para ajudar os outros, até mesmo a orar. Isto me ajuda a apreciar mais os meus pais.

Parece que nunca há tempo suficiente para realizar tôdas as minhas tarefas. Creio que a pressão aumenta cada vez a fim de realizarmos sempre mais. Por esta razão, gosto de passar uma noite por semana com minha família na "Noite Familiar". Esta ocasião foi sempre especial para nós. Sempre mantivemos um registro de tudo quanto fazemos. Cada uma das pessoas diz o que lhe aconteceu de mais importante durante o período de tempo desde a última reunião. Temos um registro de tudo desde 1959 e é realmente divertido olhar-se para trás e recordar-se as coisas que fizemos juntos. Cada Noite Familiar alguém diferente é encarregado de planejar. todo o programa. Às vêzes cada um de nós é convidado para dar um discursinho extemporâneo sôbre assuntos selecionados pela pessoa que dirige. Isto contribuiu muito para meu sucesso na escola. Nossas noites familiares vão desde os shows de talento até jogos de boliche e cinema. Sempre nos divertimos e apreciamos as coisas que fazemos juntos. Há também pensamentos espirituais e, é claro, orações. Meus pais acham que estas reuniões familiares são tão importantes que não permitem interrupções de forma nenhuma. Nem mesmo respondemos às chamadas telefônicas.

Meus pais são o melhor exemplo que possuo. Treinam-me e guiam-me. Criaram uma atmosfera perfeita para meu auto-desenvolvimento e confio nêles por completo. Ensinaram-me a mim e aos meus cinco irmãos a aceitar responsabilidades. Temos nossos deveres de casa, mantendo-a limpa e em ordem e desempenhando nossa parte nas refeições. Trabalhamos no quintal e em outras tarefas aos sábados, ajudando papai em serviços aborrecidos e em seus negócios. Assim, mantenho-me sempre ocupado. Mas, organizando o tempo e crendo que estas coisas vêm primeiro, sou capaz de aceitar a responsabilidade no quórum do sacerdócio, atividades escoteiras e da escola.

Em resumo, creio que um lar em retidão e uma família afetuosa são as maiores bênçãos que uma pessoa pode possuir.



Ensinando os pais a ensinar



No ano que ora se inicia, os presidentes dos quóruns do Sacerdócio de Melquisedeque terão duas responsabilidades.

A primeira delas é, conforme ocorrido em 64, difundir entre os membros dêsse quórum o Programa Noite Familiar.

Segundo êsse programa, como já é sabido entre os santos de todo o mundo, a família fará reuniões uma vez por semana, ocasião em que os pais ensinarão os princípios do evangelho a seus filhos.

Há uma passagem nas escrituras, onde Deus fala sôbre êsse assunto, "...se em Sião houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, do batismo e dom do Espírito Santo, pela imposição das mãos, ao alcançarem os oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado." (D&C 68:25)

A segunda responsabilidade será a de reunir, como em 64, os quóruns do Sacerdócio de Melquisedeque, onde seus membros terão a oportunidade de aprender "como ser pai na Igreja."

Alguns dos membros dos quóruns talvez não respondam "presente" às chamadas. Vários dêles poderão estar ausentes permanentemente. E ainda outros poderão vir intermitentemente. Em qualquer caso, não participarão das discussões e perderão as instruções de como ensinar o evangelho em família. Tais ausentes não ganharão o espírito de *querer* participar do programa.

O presidente não deverá esperar para descobrir se o membro ausente estará lá na próxima semana, pois *agora* é a hora de trazê-lo para a reunião. Damos aqui um plano para persuadí-lo a comparecer:

O líder do grupo chamará o mestre familiar encarregado de visitar a família em referência. Geralmente serão os mesmos que comparecem às reuniões do Quórum do Sacerdócio. Far-se-ão consultas sôbre a melhor maneira de aproximar-se da pessoa ausente nas reuniões do quórum.

Haverá ocasiões em que o líder do grupo ou presidente do quórum acompanhará o mestre familiar, no esfôrço de trazer a pessoa à reunião.

Lembramos que os presidentes de quórum deverão fazer reuniões a intervalos regulares com os líderes de grupo e um dos tópicos a ser discutido será a ausência dos que não estão tomando parte nas atividades ou não assistem as reuniões.

No final, haverá acôrdo entre todos — presidente, líder do grupo, mestre familiar — sôbre os planos para fazer voltar o membro ausente. Serão êsses homens humildes que farão voltar um irmão, para que sua família não sinta fome espiritual. Por estarem "ocupados zelosamente numa boa causa" (Idem 58:27), podem pedir ajuda e orientação ao Senhor, pois não ficarão sem resposta. Encontrarão meio de persuadir os membros a assistirem as reuniões do sacerdócio e prepararem-se para importantes designações.

Antes dêsse programa, os pais não tinham um meio de aprender a ensinar seus filhos. Alguns não precisam de auxílio, mas muitos precisam ser assistidos.

O presidente do quórum não deverá medir esforços para treinar todos os membros do Sacerdócio neste importante e inspirado programa.

ESCOLA DOMINICAL



Presidente David O. McKay

Responsabilidades e oportunidades do professor de religião

Ensinar é a mais nobre profissão do mundo. Da educação adequada da juventude dependem a perpetuação e pureza do lar e a segurança e perpetuidade da nação. Os pais dão ao filho uma oportunidade de viver; o professor possibilita ao aluno viver bem. O progenitor que dá a vida e ensina o filho a viver completamente é o verdadeiro progenitor-professor. Os costumes e exigências da sociedade de hoje são tais, que a responsabilidade de treinar a criança a viver bem é grandemente, e em muitos e muitos casos, inteiramente entregue pelo progenitor ao professor. Na situação ideal, o professor seria sòmente o aliado dos pais, treinando a mente, incentivando hábitos dignos e cultivando nobres traços de caráter, inculcados pelo sábio ensino e exemplo paternos; porém, na realidade, o professor, em vez de ser simplesmente um aliado, precisa tornar-se o pai adotivo no treinar a criança na arte de viver. Se isso fôsse tudo, sua responsabilidade seria bastante grande. Mas não é. Seguidamente êle encara a ainda maior tarefa de sobrepujar ensinamentos falhos e treinamento pernicioso de pais insensatos e irresponsáveis. À luz de fatos tão evidentes, não se torna claro para tôda a mente pensadora que *a mais*

nobre de tôdas as nobres profissões é *ensinar,* e que da eficácia dêste ensino depende o destino de tôdas as nações?

"Todos os que meditaram sôbre a arte de governar a humanidade", disse Aristóteles, "convenceram-se de que o destino dos impérios depende da educação da juventude".

O objetivo geral em nossas escolas públicas deveria ser o de auxiliar o indivíduo no desenvolvimento apropriado de sua natureza física, intelectual e espiritual, para que se torne pessoa de valor em seu país e para seu semelhante. Êste objetivo sòmente pode ser alcançado com base na verdadeira educação.

Verdadeira Educação

Verdadeira educação — o que é isso? "É despertar o amor pela verdade; instilar um justo senso de dever; abrir os olhos da alma para o grande propósito e finalidade da vida. Não é citar palavras, mas pensamentos; ou simples máximas, mas princípios vivos. É ensinar a ser honesto, não porque a honestidade é a melhor política; mas porque ela é correta. É ensinar o indivíduo a amar o bem pelo simples fato de ser bom; a ser virtuoso nas ações, porque o é no coração; a amar e servir a Deus principalmente, não por mêdo, mas por regozijar-se com Seu caráter perfeito."[1]

Ninguém pode negar com êxito o fato de que sôbre o professor repousa grande parte da responsabilidade de elevar a sociedade a êste alto ideal.

Há um renomado quadro que representa Cristo, na juventude, de pé entre doutôres no templo. Nessa pintura, o artista combinou fôrça física, capacidade intelectual, beleza moral e fervor espiritual.

Eis um ideal para cada rapaz e garôta!

Eu lhes peço, professôres e colegas, que tomem o pincel e tela e procurem reproduzir o retrato do jovem perfeito. Hesitam? Dizem que não têm habilidade nem treinamento? Muito bem; e ainda assim, tôda a pessoa que ingressa no magistério assume a responsabilidade, não de procurar colocar numa tela o retrato ideal de um jovem, mas de cooperar com cada jovem sob sua tutela, a fim de transformar uma alma viva em um caráter perfeito.

Ensine de modo positivo

A responsabilidade do professor, entretanto, não se completa no dever de ensinar a verdade de modo positivo. Êle penetra no domínio do que não se deve fazer, bem como no domínio do que se deve fazer. No jardim da alma humana, como também nos campos das realizações humanas, há espinhos e cardos junto a flôres e plantas úteis.

Três vêzes digno de condenação é o homem que tritura na mente de um menino a flor da verdade e semeia em seu lugar a semente do êrro. Falando sôbre isto, o Mestre disse:

"Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um dêstes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fôsse afogado na profundeza do mar." (Mateus 18:6)

Os que ingressam no magistério sem um propósito sincero de aperfeiçoar o indivíduo, sem visar o melhoramento da raça, pensando que seu dever está cumprido quando expõem alguns fatos comuns da história, literatura, ciência e arte, e extraem disso a sua remuneração mensal, são simplesmente pedras de tropêço para o progresso nacional. E aquêles em quem os pais confiam como orientadores e inspiradores de seus filhos, os quais diàriamente inculcam pensamentos perniciosos e rebeldes nas mentes da juventude, e realmente ensinam os rapazes e môças a encarar impunes a imoralidade — certamente merecem, se qualquer ofensor a merece, a condenação a que o Grande Mestre se refere.

Pais sábios e educadores de destaque da nação devem compreender que a boa cidadania só pode ser obtida por meio do desenvolvimento do caráter. Devem reconhecer, como Emerson, que "O caráter é mais elevado que o intelecto... Uma grande alma será forte para viver e pensar."

Se os professôres são verdadeiramente sinceros em seu desejo de tornar o caráter o alvo real da educação, devem *manifestar essa sinceridade em ações diárias;* serão o que esperam que os alunos se tornem. Caso contrário, seu ensino torna-se vazio e sem significado. Suas palavras e preceitos são como o "símbalo que retine".

Viver uma vida reta, conformar-se com altos padrões de ética, é responsabilidade e dever de todos os professôres na terra. Ainda maior, é a responsabilidade de um professor de religião. Essa profissão é realmente maior do que a do professor nas escolas comuns, pois, além de crer na eficácia dos preceitos éticos e morais, o professor de religião assume a responsabilidade de liderar os jovens no domínio da espiritualidade. Seu dever, de acôrdo com suas pretensões e profissão, é abrir os olhos dos cegos para que conheçam a Deus. Ó, é maravilhoso encontrar "línguas em árvores, livros em águas correntes, sermões em pedras, e o bem em tudo!"[2] É uma realização gloriosa guiar uma alma solitária e faminta do labirinto da materialidade temporal e sensual para o império da espiritualidade.

O Verdadeiro Educador

Levar os jovens a conhecer a Deus, ter fé em Suas leis, ter confiança n'Êle e encontrar consôlo e paz em Seu amor — êste é o maior privilégio, a mais sublime oportunidade oferecida ao verdadeiro educador.

A vinte e cinco quilômetros da cidade de Vernal, Condado de Uintah, Estado de Utah, há uma montanha sôbre a qual pessoas caminharam e passaram de tempos em tempos durante anos, sem nunca notar algo de extraordinário nela. Notavam duas grandes pedras de tamanho uniforme, porém, para homens inclinados ao dever do pioneirismo, elas eram sòmente rochas. Certo dia, um homem do Instituto Carnegie passou por aquela mesma montanha. A natureza das rochas sugeriu-lhe que talvez pertencessem ao período jurássico da história do mundo. Êle sabia que nessas camadas encontram-se algumas vêzes fósseis de enormes animais que já andaram em certas partes da terra. O que parecia ser sòmente uma rocha para o fazendeiro, vaqueiro e pioneiro era, para a mente treinada do cientista, restos fossilizados de duas vértebras de uma criatura gigantesca extinta há séculos. Após certo tempo, êste descobridor tinha um grupo de homens trabalhando cuidadosamente nesses restos fossilizados, e o povo dos arredores olhava com interêsse e assombro enquanto um dinossauro de vinte metros de comprimento e dez de altura era pôsto à vista. Seguindo as indicações à

medida que as percebia, êste educador científico, por meio de grande esfôrço e dispêndio de dinheiro desenterrou um dos melhores espécimes já descobertos. Outros foram desde então desenterrados, sendo que um dêles está em exposição na Universidade de Utah. Outros ainda encontra-se em suas posições originais.

Assim passam os homens pela vida, captando visões vagas e ocasionais de um mundo espiritual mais elevado; porém, infelizmente, satisfazem-se com uma visão vaga, e recusam-se a dispender o esfôrço requerido para descobrir as belezas e glórias do domínio espiritual. Êles o percebem cegamente. Atordoados por exigências temporais, alguns perdem de vista até mesmo a indicação das belezas e glórias daquele domínio espiritual. O jôgo da vida é fascinante, e quando os homens entram nêle, entram para vencer. Vencer torna-se o único alvo da vida. Alguns negociantes, por exemplo, desejam obter sucesso, seja qual fôr o custo, às vêzes até sem a própria honra. O político (não o estadista), penetra no mundo político para satifazer sua ambição, indiferente ao serviço da comunidade ou país. Assim, os homens perdem a visão das coisas elevadas da vida; as coisas mundanas empanam a luz espiritual que há na alma. Alguns seguem o fogo fátuo da indulgência na paixão. Enganados por uma ilusão, logo começam a rastejar.

Orientar a Criança

As mais caras oportunidades do professor de religião devem ser orientar a criança a ver, através da dificuldade e tumulto de um mundo físico, que "em tôdas as Suas dispensações Deus trabalha para o nosso bem. *Na prosperidade,* Êle experimenta nossa gratidão; *na mediocridade,* nosso contentamento; *no infortúnio,* nossa submissão; *na escuridão,* nossa fé; *na tentação,* nossa firmeza; e *em tôdas as ocasiões,* nossa obediência e confiança n'Êle." [3]

Para sumarizar: A escolha da grande profissão do magistério envolve de um modo maior ou menor a responsabilidade da paternidade, e a de maior liderança entre os homens. Significa uma vida exemplar, pois ações virtuosas são o resultado de um coração virtuoso. A responsabilidade do professor é também a de um atalaia, e de sua tôrre êle adverte a juventude veemente e brilhante a respeito do domínio destrutivo da indulgência e aponta firmemente para o império do auto-domínio e também para o verdadeiro serviço.

Tudo isso deve ser a responsabilidade de cada professor, mas a responsabilidade do professor de religião é ainda maior — *é seu dever e privilégio guiar os alunos sôbre as colinas morais e éticas para as gloriosas alturas da realidade espiritual, onde o espírito do homem pode receber a iluminação e inspiração do Santo Espírito de Deus, de cuja luz cada jovem pode obter a compreensão daquilo que Robert A. Milikan, físico norte-americano, diz ser a coisa mais importante do mundo: "A consciência da realidade dos valôres morais e espirituais."*

A responsabilidade e oportunidade do professor de religião é sumarizada na seção noventa e três de Doutrina e Convênios:

"E vos dou estas palavras para que possais compreender e saber como adorar, e saber o que adorais, para que venhais ao Pai em Meu nome, e no devido tempo recebais da Sua plenitude.

"Pois se guardardes os Meus mandamentos recebereis da Sua plenitude, e sereis glorificados em Mim como Eu sou no Pai; portanto, vos digo, vós recebereis graça por graça." (Doutrina e Convênios 93:19, 20)

Que Deus abençôe nossos professôres e os proteja para viverem de modo que Êle possa ser Sua Luz e Guia ao influenciarem e dizerem à juventude e a todos na terra — Vinde, segui-me, enquanto abro o caminho que leva a Cristo!

---

[1] Dr. Robert Maynard Hutchins, educador americano.

[2] William Shakespeare, "As You Like It."

[3] John Jay, ex-chefe de justiça da Suprema Côrte dos Estados Unidos.

* * *

JÓIA SACRAMENTAL
para fevereiro

Escola Dominical Sênior

"... Procurai não participar indignamente dos sacramentos de Cristo; esforçai-vos por fazer tôdas as coisas com dignidade..." (Mórmon 9:29)

Escola Dominical Júnior

Jesus disse: "... tende paz uns com os outros." (Marcos 9:50)

Repetição em Conjunto

(Durante o mês de fevereiro, cada classe da Escola Dominical memorizará uma escritura das mencionadas abaixo, conforme escôlha do superintendente e depois a repetirá em conjunto na Escola Dominical de 6 de março.)

"E assim como deixará de existir uma terra com seus céus, assim também aparecerão outras, e não têm fim as Minhas obras, nem tampouco as Minhas palavras." (Moisés 1:38)

HINOS DE ENSAIO
para fevereiro

Escola Dominical Sênior
"Ó Deus de Hostes", n.º 73

Escola Dominical Júnior
"Meu Corpo É Um Templo", n.º 63



"Pois eis que, na verdade, na verdade, Eu te digo, o tempo se aproxima em que virei numa nuvem com poder e grande glória." (D&C 34:7)

Juventude da Promessa

Iniciando...

ANO NÔVO E VIDA NOVA,
ESTA SEÇÃO É DEDICADA AOS QUE ESTÃO OCUPADOS EM TORNAR-SE ADOLESCENTES



Fotografias por
Rui Marques Bronze

Posando
Walderez Marques
Bronze
Ramo de Pinheiros II

Não inveje a

Pratique o que ensinam sôbre a postura correta e o sentar gracioso, pernas paralelas e mãos relaxadas ao colo... e por falar no andar elegante e gracioso, como se estivesse subindo uma escada rolante (você pode equilibrar um livro sôbre a cabeça, ao subir?)... encolha o ventre, ande ereta.

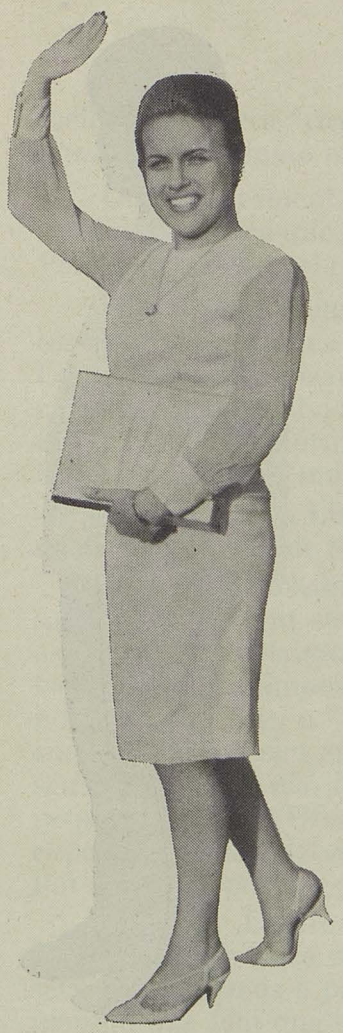
Conte até dez antes de falar, quando está nervosa... enquanto estiver mastigando... ou enquanto estiver atravessando uma sala repleta de pessoas... no momento de terminar uma oração... ou de tirar uma fotografia... ou conhecer um nôvo rapaz... ou responder ao telefone. É a pausa que clareia sua mente, aquieta seu coração acelerado e lhe dá boa aparência.

Torne as horas "sem ter o que fazer" em horas "de aprender algo nôvo". Estude um manual de boas maneiras... idealize bons jogos para a sua próxima festa... folheie figurinos que contenham modelos adequados ao seu modo de vida... promova prendas que possam torná-la famosa... faça um enorme cartaz com citações que a inspirem e depois memorize-as!

Crie um "jeitinho especial" de brincar com as crianças que pageia e será a preferida dos pais e das próprias crianças.

Gaste algum tempo preparando uma lista sôbre si mesma. Marque seus pontos altos... marque os mais ou menos... seja honesta consigo mesma ... guarde os resultados para si... trabalhe e corrija as coisas que precisa ser melhoradas... esqueça as que não puder mudar... aproveite-se de

garôta da pôse... seja uma!



Maria Lúcia Fenizzola
Ramo de Pinheiros II

suas boas qualidades... como seus olhos. Se forem azuis, deixe que o mundo o saiba pelas côres que usar. Se tiver um sorriso cálido, partilhe dêle generosamente. Se sua cintura não estiver na medida, disfarce-a com uma jaqueta por uns tempos.

Que tal a idéia? espero que tenha gostado e a aplique.

Tente ouvir as verdades ensinadas na Igreja. Você já foi Raio de Sol, mas agora é adolescente... e quererá saber mais sôbre sua religião, do que "O Riacho dá".

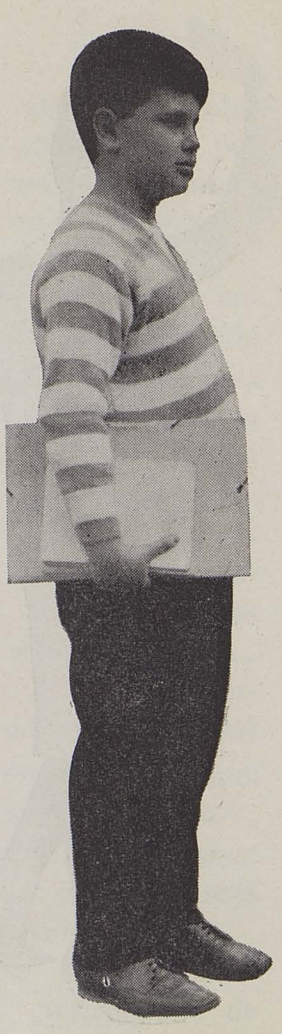
Fique feliz de ser quem é... sua idade... seu tipo... sua família... seus problemas... Fique contente de ser quem é, mas seja o melhor que puder!

Não inveje o rapaz com qua

Finalmente... as bênçãos do sacerdócio. Afinal... as oportunidades de servir, liderar, crescer no evangelho. Agora... misturar-se com os meninos mais velhos e com rapazes e homens mais amadurecidos do que você. Os missionários de seu ramo olham-no com certo interêsse, você foi colhido por calorosa fraternidade.

Se você fôr êsse menino, que ora inicia o caminho do sacerdócio, ocupe-se consigo mesmo e com cada oportunidade de preparar-se para liderar pela vida afora — iniciando agora!

Decida ser melhor agora como nunca o foi. Seja mais amável com seus parentes e mais polido com sua mãe. Repare em seu modo de falar e em sua maneiras. Considere



Sérgio Senaino
Ramo de
Pinheiros I

lidades de liderança... seja um!

melhor a palavra "cavalheiro". Nunca parecerá tão masculino a uma garôta, como no momento em que fôr cortês com ela.

Ore sinceramente para que possa entender o benefício de ser diácono, para que possa honrar essa ordenança e ajudar seu Pai Celestial. Percebeu que no mundo há poucos iguais a você?

Busque conhecimento ao escolher sua leitura. Troque histórias em quadrinhos pela leitura diária de algumas escrituras. Comece a familiarizar-se com os rapazes e homens fortes, corajosos e desenvolvidos de tôda história, ao aprender sôbre êles no Livro de Mórmon e Bíblia (relatos que eram apenas histórias, significam muito, agora tem mais de doze anos).

Leia sempre a **Liahona,** especialmente a seção da **Juventude da Promessa** e do **Sacerdócio Aarônico.**

Sirva cuidadosamente a Ceia do Senhor. As bandejas do sacramento devem ser passadas por garotos que estejam com as mãos proverbialmente limpas (incluindo-se as unhas e juntas) e corações limpos. Observe os missionários para vestir-se no domingo. Siga o "cicio" do Espírito Santo em cada uma de sua orações. Assim encontrará a fôrça necessária para viver o seu chamado — não importa que se riam ou caçoem. Aceite a responsabilidade. Ofereça ajuda. Faça o que lhe fôr pedido. expontânea, completamente. Pergunte o que pode fazer pelo Pai Celestial, por seu presidente de ramo, seus pais e amigos.

Esteja lá. Escute. Aprenda. Sinta. Observe e ore sempre. Ultrapassar os doze anos significa início da maturidade, do serviço para Deus e para a humanidade. Não inveje apenas o menino que tem qualidades de liderança; seja um dêles.

JOSEPH SMITH:

Deus reservou uma época ou período, marcado em Seu próprio peito, quando trará de volta para o descanso no Reino Celeste todos os que guardaram Seus mandamentos e ouviram Sua voz. Êsse descanso é de tal perfeição e glória, que o homem precisa de preparação antes de, conforme as leis do Reino, entrar e gozar as bênçãos. Assim sendo, Deus fêz certas leis para a família humana, as quais, se observadas, serão suficientes para prepará-la a habitar no descanso.

(History of the Church, 2:12, 22 de janeiro de 1834. Também, Teachings of the Profet Joseph Smith, p. 54).

BRIGHAM YOUNG:

Tragam seus filhos no amor e temor de Deus... ensine-lhes por preceito e exemplos, a importância de dirigirem-se a Deus, em Seu trono de graça; ensine-os a viver, a tirar dos elementos as coisas necessárias à vida e ensine-lhes as leis da vida, para que possam saber preservar-se com saúde e poderem ministrar aos outros. E quando instruí-los nos princípios do evangelho, ensine-lhes que são verdadeiros, enviados do céu para a nossa salvação e que o evangelho incorpora tôdas as verdades... e ensine-lhes também que possuímos as chaves da vida eterna e que precisam obedecer e cumprir as ordenanças e leis pertinentes a êsse Santo Sacerdócio que Deus revelou e restaurou para a exaltação dos filhos dos homens.

(Journal of Discourses, 19:221,222, 22 de abril de 1877. Também Discourses of Brigham Young, p. 207.)

JOHN TAYLOR:

Deixe os que não temem a Deus seguir o seu caminho; cabe a nós treinar nossos filhos a temerem o Senhor.

Deus nos considera responsáveis por esta verdade. Ouçam isto, élderes de Israel e vocês, pais e mães! Queremos unir-nos para ensinar nossos filhos a temer a Deus, ensinar-lhes os princípios corretos e colocá-los a par das coisas que os guiarão através da vida.

(Journal of Discourses, 20:179, 8 de abril de 1879. Também, The Gospel Kingdom, p. 274.)

WILFORD WOODRUFF:

Nossos filhos não podem ser negligenciados. Devem receber educação apropriada, tanto nas coisas espirituais como temporais. Êsse é o melhor legado que os pais podem deixar a seus filhos. Devemos ensiná-los a orar, instilar em suas mentes ainda jovens todos os princípios corretos. Noventa e nove crianças, dentre cem, cujos pais lhes ensinam os princípios de honestidade, integridade, verdade e virtude, observarão tais princípios por tôda a vida, os quais exaltam qualquer pessoa ou nação que fazem dêles suas regras de conduta... Nossos filhos devem estar preparados para construir o Reino de Deus. Por isso, qualifique-os, durante a meninice, para as grandes responsabilidades a que serão chamados a realizar...

(Journal of Discourses, 15:12, 6 de abril de 1872. Também, The Discourses of Wilford Woodruff, pp. 267,267.)

LORENZO SNOW:

Que as famílias possuam todo o bem que puderem — estejam em posição de fazer o certo, continuando sempre no caminho da exaltação e glória. Todos devemos pensar nessas coisas e praticá-las. Se quiserem saber como serem grandes, bons e felizes e avançar mais ràpidamente nos princípios de exaltação e perfeição, comecem a trabalhar para descobrir como fazer o melhor. Vocês, mulheres, façam isto e aprendam como melhor servir seus maridos...

E vocês, irmãos, executem os deveres pertencentes ao seu chamado e Sacerdócio e saibam que o Senhor nos chamou para recebermos a plenitude do evangelho.

(Journal of Discourses, 5:316, 11 de outubro de 1857.)

JOSEPH F. SMITH:

É dever dos pais ensinar os princípios do evangelho a seus filhos, para que sejam sensatos e industriosos em sua juventude.

Devem ser acostumados, desde o bêrço até a hora de deixar o lar paterno para formarem seus próprios lares e assumirem por sua iniciativa os deveres da vida, ao fato de que existe um tempo para plantar e colhêr.

... acima de tudo, treinemos nossos filhos nos princípios do evangelho de nosso Salvador, para que possam tornar-se familiarizados com as verdades e que possam andar em retidão, sob a luz que é espargida sôbre aquêles que a quiserem receber. "Quem procura a Mim, encontrar-Me-á e não será abandonado," disse o Senhor. Cabe a nós, portanto, começar desde cedo a andar no caminho estreito e espinhoso, que conduz à salvação.

(Juvenile Instructor, 52: 19-20, Janeiro de 1917. Também, Gospel Doctrine, pp. 295,296.)

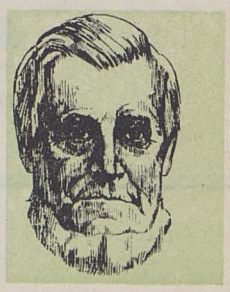
O que os profetas dos últimos dias falaram sôbre ensinar e viver o evangelho no lar



Joseph Smith



Brigham Young



John Taylor

HEBER J. GRANT:

Presto meu testemunho... de que se estudarmos Doutrina e Convênios, ganharmos o Espírito do Senhor e ensinarmos nossos filhos em sua juventude, Deus nos abençoará... nossos filhos crescerão com amor pelo evangelho. Ensinemos nossos filhos por exemplo e preceito. Tenho ouvido algumas pessoas dizerem que vão deixar seus filhos crescer até a maturidade, antes de procurar ensinar-lhes os princípios do evangelho, para que não se fartem do mesmo antes de compreendê-lo. Quando ouço-as falar assim, penso que não têm fé nos princípios do evangelho e não o compreendem como devem. O Senhor disse que é nosso dever ensinar nossos filhos na juventude e prefiro responder a estas palavras, do que às daqueles que não estão obedecendo os Seus mandamentos. É tolice imaginar que nossos filhos ganharão conhecimento do evangelho, se não forem ensinados... posso saber que o evangelho é verdadeiro, como minha espôsa; mas afirmo-lhes que nossos filhos não saberão disso, a menos que estudem e ganhem um testemunho por si mesmos. Os pais que pensam que os filhos nascem com conhecimento do evangelho, enganam-se a si mesmos. É claro, terão maiores bênçãos do Senhor se nascerem sob um convênio eterno e ser-lhes-á natural crescer e realizar seus deveres; mas o diabo compreende isso e ardentemente tenta afastar nossos filhos da verdade.

(Conference Report, 6 de abril de 1902, pp. 79-80.)

GEORGE ALBERT SMITH:

Pais, não me importo com suas propriedades, nem com as honras que possam ter — não me importo que seus nomes estejam gravados na história, por seus feitos. A maior das bênçãos são seus filhos.

(The Church News, Deseret News, 22 de fevereiro de 1947, p. 8.)

Nossos filhos são os dons mais preciosos que o Pai nos deu. Se pudermos guiar seus passos no caminho da salvação, haverá alegria eterna para nós e para êles; mas se seguirmos os moldes do mundo, como predisse o profeta, acontecerá um dia que nossos filhos amarão mais as coisas do mundo do que as coisas de Deus e isto será triste para nós, pois, os que nesta vida procuram excessos, abandonam os caminhos de Deus. Preocupo-me com a juventude de Israel. Sinto que devemos assumir a responsabilidade de cuidar dos pequenos do Senhor, ensinando-os, guiando-os e salvaguardando-os o mais possível.

(Conference Report, 6 de abril de 1915, p. 95.)

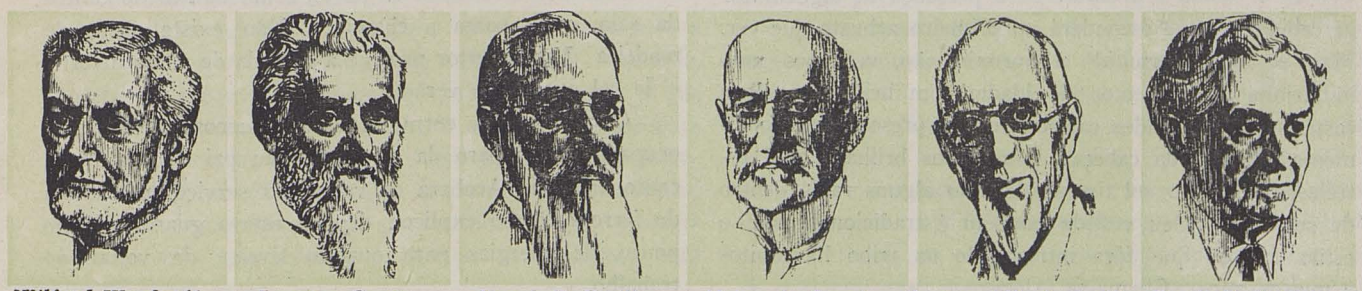
DAVID O. MCKAY:

Há muitos anos atrás, o Presidente Joseph F. Smith, então membro da Primeira Presidência, depois Presidente da Igreja, disse num discurso aos santos dos últimos dias: "Eduquem-se não só para esta época, mas para tôda a eternidade. A última é a mais importante. Porque depois que tivermos compreendido as coisas desta época, compreenderemos as coisas da vida eterna e veremos que apenas começamos."

De todo coração, creio que o melhor lugar de nos prepararmos para a vida eterna é o lar. Mas a vida do lar também paga dividendos terrenos. Não conheço melhor lugar do que o lar, onde a verdadeira felicidade reina, como preparação para a vida eterna. É possível fazer do lar um pequeno pedaço do céu; na verdade, vislumbro os céus como continuação do lar ideal.

Cada lar possui corpo e espírito. Você pode ter uma linda casa, com decorações que a arte moderna oferece ou o dinheiro consegue. Você pode ter tôdas as coisas que agradam aos olhos, mas ainda não possuirá um lar. Êle não existe sem amor. Pode ser uma choupana, uma choça ou uma cabana, mas se conter o Espírito Santo e o verdadeiro amor de Cristo — amor dos pais pelos filhos, dos filhos pelos pais e amor entre irmãos — alí estará o verdadeiro lar, a verdadeira vida que os santos dos últimos dias constroem e a qual estão esforçando-se por estabelecer.

(The Improvement Era, abril de 1963, p. 252.)



Wilford Woodruff *Lorenzo Snow* *Joseph F. Smith* *Heber J. Grant* *George Albert Smith* *David O. McKay*



ALETA

Douglas B. Wright

Um rebanho de ovelhas navajo, pastando na planície, dá a impressão de um tapête prêto e branco no árido terreno. As ovelhas deslocam-se constantemente, procurando a relva mais tenra, que é a mais difícil de encontrar.

O anoitecer aproxima-se e, embaixo dos velhos galhos da única árvore existente alí, a silhueta de uma pequena é desenhada no solo. Seus pensamentos parecem presos no fascinante espetáculo da mudança da luz do dia para as trevas. Não é possível chegar mais perto, porque a criança é tímida e arredia. Se a presença de alguém fôr percebida, logo se esconderá no primeiro arbusto que ver. Mas, se fôsse permitido a aproximação, veríamos uma ìndiazinha de oito anos de idade, com brilhantes olhos castanhos e compridos cabelos negros, presos, tradicionalmente, no alto da cabeça. Seus olhos brilham qual estrêlas, como se o sol tivesse deixado alguns raios dentro de sua alma. Seu vestido também é tradicional, com o estilo curioso que fôra introduzido na tribo há muitos e muitos anos. Chama-se Aleta.

O sonho desvaneceu-se e é hora de reunir o rebanho; o pai de Aleta ficará zangado se tiver que vir à sua procura, à noite. O rebanho parece entender a ansiedade da menina em voltar para casa, pois as ovelhas correm pela trilha com velocidade animadora. Apenas alguns minutos passam-se e tôdas elas já estão fechadas no cercado.

Para Aleta, o lar significa uma pequena cabana; é tôda feita de achas de cedro e barro, não possui janelas e a única abertura, além da porta, é um buraco no centro da sala, onde passa a chaminé. Não existe porta de madeira. Um cobertor protege a entrada de ar no inverno e de sol quente no verão.

Quando Aleta entra na cabana, encontra sua mãe ocupada no preparo da refeição. Seu pai dorme a um canto da sala. Acabara de voltar do serviço na estrada de ferro e, como explicou depois, estava guardando um pouco de energias para quando tivesse de voltar ao trabalho.

Além do fogão no centro da sala e do armário contra a parede, nada mais há de mobília; várias peles e cobertores estão dependurados nas paredes. Quando a família apronta-se para o retiro da noite, estende os cobertores e peles, como camas. Não usam colchões. Sòmente possuem aquelas peles que os protegem contra o chão duro.

Logo depois que a refeição da tarde termina, o avô de Aleta entra na cabana, seguido de dois missionários que moram perto do pôsto de trocas. O avô ouviu várias vêzes a palavra dos missionários e está começando a crer no que os dois jovens lhe dizem. Como é o mais velho da família, consideram-no muito sábio e respeitam seu julgamento. Assim, quando se decidisse a ser batizado, sua espôsa e filhos também o seriam.

Agora, alguns meses depois do batismo, os missionários continuam visitando a família, ensinando-a a respeito do evangelho que abraçaram. O avô fala bem o inglês e foi escolhido para ser superintendente da Escola Dominical do ramo a que pertence. É preciso que o avô aprenda o mais possível sôbre o evangelho, para que possa transmitir a mensagem ao resto da família em sua própria língua. Os missionários estão ensinando os pais de Aleta, pois ainda não aceitaram tudo que aprenderam.

Existe ainda, outra razão para a visita dos missionários, diretamente ligada a Aleta. Na famlia sòmente ela não teve nem terá permissão de ir à escola. Seu pai insiste que ela cuide do rebanho e ajude a mãe na casa e no cuidado das crianças menores. Seu avô insiste para que Aleta cresça como uma navajo, sem influência dos costumes dos brancos.

Os missionários explicam pacientemente aos pais e avô de Aleta o desejo de Deus, que tôdas as crianças tenham oportunidade de aprender, de desenvolver os ramos da inteligência e, assim, ganhar mais experiência na vida. Os pais concordam, mas quando tocam no ponto de mandar Aleta para a escola, os velhos argumentos são levantados mais uma vez.

Embora seu avô fale inglês, falhou em ensiná-lo a seus descendentes. Assim, Aleta nada entende. Contudo, conforme a conversa desenrola-se, sempre entende o que está acontecendo. Tôda vez que o assunto volta-se para sua ida à escola, as faces de Aleta brilham mais intensamente. Seus olhos cintilam enquanto os pensamentos bailam ao redor do mundo da aventura. Tudo se apaga quando seus pais refutam e repetem as desculpas para mantê-la em casa.

Enquanto reflito, lembro-me da amizade que cresceu entre a família de Aleta e a minha. Em algumas ocasiões, Aleta teve permissão para vir ao pôsto de trocas brincar com as nossas crianças. Quanta alegria tiveram juntas, embora pudesse existir a barreira da língua entre elas, pois crianças são crianças, seja qual fôr sua linguagem. Encontravam meios de entender-se, meios que nós, adultos, não encontraríamos. As crianças aprenderam a amar Aleta, o mesmo acontecendo com esta. Cada visita terminava tristemente, os profundos olhos de Aleta demonstrando o que lhe ia na alma.

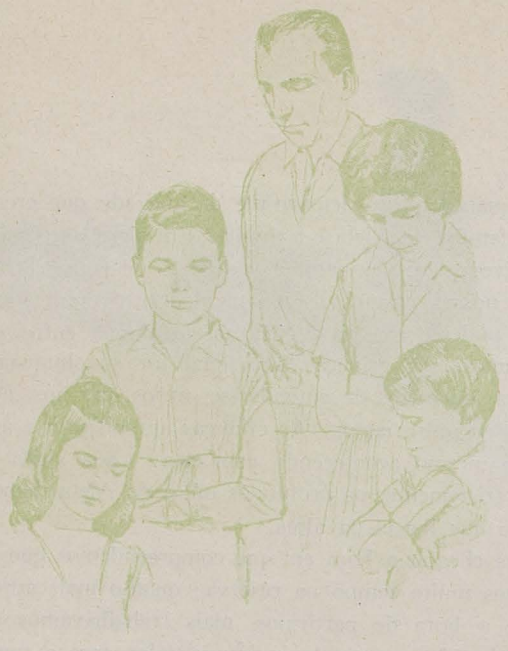
Mas chegou a hora em que compreendemos que não ficaríamos muito tempo na reserva; quanto mais aproximava-se a hora de partirmos, mais trabalhávamos com os pais de Aleta, tentando impressioná-los com a importância da educação dela. Tentávamos por todos os meios convencê-los a deixá-la assistir as aulas, ou então levá-la para nossa casa, providenciando-lhe boa educação.

Nossos rogos foram em vão.

A última vez que vi Aleta, foi quando estávamos reabastecendo a reserva de água no pôsto de trocas. Aleta chegava — cada vez mais próxima, sem embaraço; já não hesitava quando chegou e sentou-se perto. Devolvi-lhe o sorriso, é claro, mas não encontrei palavras para falar. O olhar de tristeza que aprendera a reconhecer, vagarosamente tomava conta de seu semblante. Sabia que devia ter compreendido que logo partiríamos e senti que tentava mostrar seu amor por nós, à sua maneira. Talvez sentisse que éramos capazes de entender seus sentimentos e fazer por ela mais que outra pessoa. Nenhuma outra experiência foi-me mais dolorosa.

Durante longo tempo, sentamos, sorrindo, depois o solêncio caiu, mas foi quebrado, porque se juntaram a nós várias pessoas que desejavam discutir sôbre negócios. Quando as trocas terminaram, voltei-me novamente para Aleta. Havia ido embora. Um momento depois, ví sua pequena silhueta projetada contra o lindo céu azul, para depois desaparecer.

Nosso amor por Aleta não diminuiu e não a esquecemos. Gostamos de recordar aquêles momentos, quando olhávamos para ela como a uma pessoa da família. Nosso desejo que é algum missionário possa transmitir nossos pensamentos a Aleta e sua família. Desejamos o melhor para ela e sua felicidade futura e esperamos que algum dia possamos partilhar maravilhosas experiências novamente, através do programa de pregação aos índios, ou de qualquer outra maneira. Deus a abençôe sempre, Aleta.



Êles apreciavam ensinar e viver o evangelho no lar

Reed H. Bradford

As razões por que fazemos algo torna-as importantes. Devemos viver o evangelho pelas razões certas: porque nos dará alegria eterna, salvação e exaltação no reino de nosso Pai Celestial. "Tenho-vos dito isso, para que o Meu gôzo permaneça em vós e vosso gôzo seja completo." (João 15:11)

Se a alegria máxima é obtida por ensinar e viver o evangelho no lar, certos princípios básicos devem ser compreendidos. Alguns dêles são descritos abaixo, com exemplos que os ilustram; são tirados de escrituras ou de exemplos de famílias da Igreja e, neste último caso, os nomes não são reais.

1. Nenhum princípio do evangelho é realmente ensinado, antes do indivíduo compreendê-lo, aceitá-lo e vivê-lo. Ensinar não quer dizer simplesmente *falar*. O Senhor disse que devemos "ponderar em nossas mentes." (D&C 9:8) Disse também, "pois ao fiel Êle dará linha sôbre linha, preceito sôbre preceito." (Idem 98:12) Aprender os princípios do evangelho, então, é um processo gradual e deve continuar por tôda a vida. Do mesmo modo que o Salvador "crescia e Se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria," (Lucas 2:40), assim também devemos fazê-lo.

2. A natureza das relações entre os membros da família é de grande importância e significação. Marido e espôsa, que são um em propósito e espírito, e mostram-se unidos perante seus filhos, estão aptos a apresentar uma atmosfera de paz no lar. Eis como uma adolescente vê seu lar:

"Gosto de estar em casa. Suponho que seja uma das poucas afortunadas que possui pai e mãe tão compreensivos e com quem a gente pode falar sôbre qualquer assunto. Êles nunca dão a impressão de estarem a ensinar-me. Em vez disso, fazem-me compreender que querem beneficiar-me com suas experiências, conhecimentos e sabedoria. Papai disse-me, certa vez, que esperava poder ajudar-me de maneira a não repetir seus erros, mas os evitar. Ao mesmo tempo, querem que eu entenda os princípios que lhe deram profunda satisfação duradoura."

3. Os objetivos básicos que os pais têm, ao trazer os filhos ao mundo, terão mais significado quando mostrarem-se capazes de ensiná-los. Existem muitas razões para termos filhos, mas uma das mais importantes é ajudá-los a cumprir a medida de sua criação divina. Um homem em plena maturidade, que tem realizado muitas coisas em sua profissão, na comunidade e na Igreja, disse sôbre seu pai:

"Meu pai falou-me, certa vez, que desejava tratar-nos da maneira que nosso Pai Celestial queria. Êle e mamãe estudavam as escrituras. Antes de deitarem-se, à noite, passavam uns momentos lendo alguma passagem escolhida, refletindo sôbre o seu significado.

Quase tôda semana nossa família reunia-se para discutir o significado do grande princípio do evangelho. Tais sessões eram muito úteis, pois o que nossos pais tinham em mente era ajudar-nos a aplicar êsses princípios em nossas vidas, a fim de que provássemos a felicidade real.

Todos os dois, principalmente papai, procuravam tirar proveito de nossos momentos de aprender, *para esclarecer o significado de um importante aspecto do evangelho; por exemplo, lembro-me de que, quando era criança, possuía um cão a quem era muito afeiçoado.*

Um dia êle foi morto e eu senti terrìvelmente. Papai levou-me a um canto e disse-me que compreendia como me sentia e me daria outro cachorro. 'Mas, meu filho, se você viver da maneira que nosso Pai Celestial quer que vivamos, andando reto perante Êle, você nunca vai sentir-se só.' Mais tarde compreendi o que êle queria dizer. Muitos dos meus conhecimentos sôbre o evangelho foram ensinados naqueles momentos de aprender."

4. É necessário haver um certo espírito no lar; êle será caracterizado por muitas coisas, mas uma das essenciais é o respeito de um pelo outro. Certa mãe, que agora tem vários filhos, a quem procura, junto com o marido, ensinar bem, conta uma experiência da família:

"Meu pai e minha mãe preocupavam-se muito com o sentimento dos outros, principalmente os nossos. Lembro-me de mamãe haver dito um dia, que só porque o pai era mais velho e com mais conhecimentos e experiência, não queria dizer que não devia respeitar os mais jovens. Devia dizer por favor *e* obrigado, *do mesmo modo que êstes fazem aos adultos.*

Meus pais ensinaram-me que existe uma linha sensitiva em nossas relações com nossa mãe. Ultrapassamo-la quando dizemos coisas desagradáveis ou nos zangamos sem razão.

Meus pai ajudaram-me a aliviar as tensões nervosas, que surgiam diàriamente; procuravam dar-nos atividades físicas saudáveis, boa música, boa leitura, etc.

E, é claro, nossas orações em família uniam-nos cada vez mais. Uma das coisas mais tranqüilizadoras de minha vida era ouvir minha mãe e meu pai orando por mim, pois sabia que significado tinha.

Finalmente, devo mencionar que tanto mamãe quanto papai freqüentemente demonstravam seu amor, por palavras e por ações. Nada tem mais valor para mim."

5. As noites familiares têm muitas possibilidades de produzir alegria em família. A experiência de muitas famílias dentro da Igreja demonstra o significado dos seguintes princípios:

a) As reuniões feitas regularmente são de maior efeito do que as realizadas esporàdicamente.

b) Entendemos melhor aquilo que experienciamos. Os membros da família devem usar suas próprias experiências para mostrar o significado de um ensinamento dado. Uma menina de doze anos relata o seguinte:

"Uma de nossas reuniões em família, que nunca esquecerei, é a de quando falamos sôbre o poder do sacerdócio. Iria ser operada dentro de três dias. Papai e os mestres familiares administraram-me uma bênção. Foi uma experiência maravilhosa."

c) Em tôdas as famílias, existem indivíduos que diferem em idade e experiências. Os mais velhos têm que ser pacientes com os mais jovens. Não devemos esperar que uma criança permaneça quieta por muito tempo.

Sempre que possível, os membros da família devem ter a oportunidade de participar do programa. Um pai, cuja família tem feito reuniões familiares regulares, conta o seguinte:

"Nunca pretendemos demais de uma reunião. Sempre nos concentramos em um dos princípios do evangelho. Tentávamos encontrar histórias das escrituras, ou experiências nossas, para explicar os significados. Notava que todos gostavam das histórias, especialmente os jovens.

Os membros da família revezavam-se para dirigir as reuniões. Isso desenvolvia sua confiança e habilidade."

d) Para dar oportunidade aos familiares de comunicarem-se entre si, uma certa família achou útil fazer o seguinte:

Pedia-se a cada membro que falasse sôbre o procedimento da família; cada um falava sôbre algo que o havia desagradado ou magoado. A princípio foi um tanto difícil, mas depois foi-se desenvolvendo cada vez mais uma atmosfera de compreensão, onde a crítica construtiva era aceita.

Cada pessoa sabia, então, no que precisava melhorar e concentrava-se nisso. Paulo, um dos filhos, reclamou que o irmão mais velho havia tirado coisas de seu armário sem sua permissão, o que o irritou. A discussão subseqüente trouxe à tona a importância de cada um possuir gavetas e armários, conservando-os limpos e bem arrumados.

No plano do Salvador, a família é uma organização permanente. Êle sabe de sua importância. O entendimento dos princípios dados a nós permitirá que nossas experiências em família sejam as mais agradáveis possíveis.





MEU CANTINHO

O mistério do índio de madeira

CAPÍTULO 4

Murrey T. Pringle

Resumo: *A "Turma do Pena Branca," como Sueli alegremente apelidara seus amigos, trabalhava bastante ajudando Dna. Clarice a arrumar e empacotar seus pertences, quando uma pequena mala de tampa arqueada espatifou-se contra o assoalho. Entre seu conteúdo, as crianças encontraram um pequeno diário, o qual havia pertencido ao avô de Dna. Clarice. O diário falava de um tesouro escondido, guardado pelo irmão do chefe Pena Branca, um índio irreal com coração de pedra.*

"O tesouro êle guarda, e guarda-o [bem
mas onde êle está, não digo [a ninguém."

Nos dias que se seguiram, a turma do Pena Branca dividiu seu tempo entre Dna. Clarice e *Seu* Afonso. Enquanto as meninas a ajudavam a separar e empacotar suas coisas, os meninos constantemente observavam o desonesto antiquário e sua casa de comércio.

Na quarta-feira, entretanto, as coisas ficaram um pouco diferentes. O antiquário fechou sua loja às 6,30 hs., como normalmente, mas ao invés de ir para o restaurante onde sempre jantava, dirigiu-se para outro lugar — em direção do parque!

Como numa cerimônia de guerra, os três meninos o seguiram, prontos a esconder-se ràpidamente, no caso de *Seu* Afonso olhar se estava sendo seguido. Mas êle não se voltou.

Já no parque, esconderam-se atrás de alguns arbustos e ficaram a observar como o *Seu* Afonso, com as mãos para trás, rodeava o chefe Pena Branca, inspecionando o grande índio de madeira sob todos os ângulos. Após alguns minutos, virou-se e deixou o parque, voltando pelo mesmo caminho que viera. Havia um sorriso satisfeito em sua face, que geralmente era dura e ameaçadora. Os meninos o viram perder-se de vista e depois entreolharam-se.

"Êle vai fazer alguma coisa, sim senhor," resmungou Mário.

"Aposto que está planejando roubar o chefe Pena Branca de nôvo!" completou Zeca. "Talvez êle vá fazer isso hoje à noite!"

"É melhor avisar o delegado," disse Berto. "Vamos até lá!"

O policial ouviu pacientemente, enquanto os meninos contavam a sua história. Depois disse: "Esta cidadezinha é bem pacata. E eu certamente não permitirei um rapto — mesmo que a vítima seja apenas um índio de madeira!"

"Podemos ir com o senhor?" perguntou Berto.

"Talvez vocês estejam completamente enganados a respeito de *Seu* Afonso," murmurou o policial, "e talvez eu esteja perdendo o meu tempo. Bem, não tenho nada para fazer hoje à noite."

Então, como se sòmente naquele momento percebesse que o menino havia perguntado algo, voltou-se para Berto, dizendo, "O que você quer dizer com *posso ir junto para olhar?* Isto é um caso de polícia, não um piquenique!"

Mas os meninos insistiram tanto, que finalmente o policial, sorrindo, concordou que fôssem juntos. "Mas com uma condição," disse. "Cada um de vocês volte daqui a pouco com um bilhete assinado por seus pais, dizendo que podem ir."

Pulando de alegria, os meninos deixaram o pôsto policial ràpidamente e correram para casa, a fim de obterem a permissão de seus pais.

Tarde da noite, quatro figuras esconderam-se e misturaram-se com as sombras do parque. Um silêncio espectral pairava sôbre tôdas as coisas e o único som era o murmúrio ocasional das árvores, quando uma rajada de vento passava por elas. Parecia uma noite de sexta-feira 13. Uma única lâmpada amarelenta iluminava pobremente o parque, a qual permitia apenas ver o chefe Pena Branca, parecendo assustadoramente real na obscuridade. Com exceção da estátua e dos quatro observadores ocultos, o parque estava absolutamente deserto.

Sùbitamente, o relógio da prefeitura começou dar as horas. Zeca assustou-se com o barulho. "Meia-noite!" murmurou apreensivo.

As badaladas do relógio cessaram e seguiram-se mais alguns longos momentos de silêncio. Mas um nôvo som introduziu-se na quietude reinante: o surdo ruído de um motor. Alguns minutos depois um caminhão apareceu na entrada do parque. O policial e os meninos ouviram-no chegar até a calçada e parar.

Mário deu um puxão na manga do

policial. "Você viu isto, chefe?" murmurou afobado. "É o caminhão do *Seu* Afonso!"

O policial concordou sombriamente. "Estava começando a pensar que íamos dar com os burros n'água, mas parece que vocês estão certos a respeito do *Seu* Afonso. Bem, veremos. Fiquem quietos, pois não queremos "apavorá-lo."

Os meninos viram uma figura imprecisa aparecer na entrada do parque e parar alguns minutos para olhar a rua, acima e abaixo. Depois, apertando uma maleta de lona sob o braço, encaminhar-se em direção do índio de madeira. Momentos depois ouviram marteladas cautelosas, abafadas.

De repente viu-se um clarão, seguido pelo grito sobressaltado do ladrão.

Os meninos também estavam sobressaltados. "Mas o que aconteceu?" perguntou Mário com voz entrecortada.

"Vocês, meninos, fiquem aqui," ordenou o policial, enquanto levantava-se e corria para o lugar de onde partira o clarão. "Polícia!" anunciou. "Fique onde está. Levante os braços!"

Mas o gatuno, apesar de temporàriamente cego pelo clarão, arremessou o punho e derrubou o policial na grama. Depois fugiu através do parque.

Os meninos correram para ajudar o amigo a levantar-se.

"*Seu* Afonso está fugindo, chefe!" gritou Mário.

"Não irá muito longe," replicou o policial, não se importando muito em perseguir o antiquário. "Vejam!" disse, levando um apito aos lábios, o qual produziu um som estridente.

Mesmo antes do som haver cessado, o fugitivo estava de volta à cena do crime — firmemente seguro por outro policial.

"Coloquei um de meus homens na entrada trazeira do parque, justamente no caso dêle escapar," explicou o guarda.

Então, voltando-se para *Seu* Afonso, disse, "Você está numa embrulhada, Afonso. Eu o prendo por tentativa de roubo, resistência à detenção, agressão a um policial e porte de armas de arrombamento; provàvelmente deve existir algumas coisas mais, que ainda não sei."

"Você não pode provar que tentei roubar coisa alguma," ameaçou *Seu* Afonso.

"Oh, sim, podemos," disse o policial. "Eu próprio o vi e êstes meninos também são testemunhas oculares. Mesmo assim tenho mais provas." Foi até um ponto escuro, pegou um objeto, o qual mostrou com orgulho.

"Uma câmera!" balbuciou o prisioneiro.

"Sim," disse o policial. "Uma câmera com flash. Instalei-a após o primeiro atentado de roubo do índio de madeira. No momento em que começou a roubar a estátua esta noite, você fêz funcionar o alarme e ao mesmo tempo a câmera tirou sua fotografia. Vai confessar?"

Seu Afonso encurvou os ombros, derrotado. "Sim, eu tentei roubá-lo," resmungou.

"Por que?" perguntou o policial. "O que êsse índio tem de tão importante que o fêz arriscar-se a ir para a cadeia?"

"Você vai me quebrar o galho se eu confessar?" perguntou.

"A polícia não negocia com gatunos," disse o policial.

"Tá bom, tá bom. Êsse índio de madeira é uma antiguidade. Vale uma pequena fortuna. Conheço um colecionador que me pagará Cr$ 2,5 milhões por êle."

"Mas e sôbre o tesouro e o irmão do Pena Branca?" perguntou Zeca.

"O que êsse menino quer saber?" perguntou o antiquário ao policial. "Não sei nada sôbre o irmão de ninguém e êste é o tesouro que estava procurando."

O antiquário e sua maleta de ferramentas foram colocados dentro do carro-patrulha e levados à cadeia.

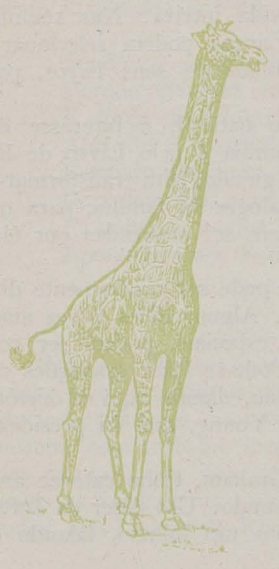
"Bem, isto resolve um mistério," disse Mário. "Mas, e o tesouro? *Seu* Afonso diz que não sabe nada sôbre o assunto."

"Sim," disse Zeca. "O tesouro e o irmão do chefe Pena Branca. Isto ainda é um mistério."

Berto olhou para o índio de madeira. "E êle é o único que sabe do segrêdo. Pena Branca, se ao menos você pudesse falar!" disse êle.

Mas o chefe Pena Branca simplesmente continuou alto e silencioso, com o braço estendido. *Continua*

—●—



A GIRAFA

Betty Barford

A girafa é o animal mais alto do mundo; às vêzes alcança 2,50 m de altura. Entretanto, não tem nenhum osso a mais no pescoço do que qualquer outro animal: sete. Mas é claro que são mais compridos!

Mesmo quando nasce, a girafa não pode ser chamada de "baixinha" — é tão alta quanto um homem de estatura média, ou seja, 1,60 m, mais ou menos.

O pescoço comprido permite que ela alcance as partes mais altas das árvores. Até parece que a mãe natureza, com tantos filhos comendo plantas e arbustos no chão, resolveu criar um "andar superior" — a girafa!

As suas longas pernas fazem-na andar depressa. É fascinante ver-se um bando de girafas a correr através de uma planície africana a 48 km por hora.

Tôdas essas peculiaridades fazem da girafa um belo animal, bem como uma curiosidade.



GENEALOGIA

Noites genealógicas no lar

Havia entre os pioneiros um velho e louvável costume de reunir as famílias ao redor das fogueiras, ao fim do árduo dia de trabalhos e ouvir histórias heróicas e façanhas dos antepassados. Os avôs, já de idade, contavam experiências próprias, sôbre as lutas pela liberdade. As avós, também velhas, contavam as experiências com os índios. Enquanto as crianças ouviam, crescia em seus corações grande admiração pelos antepassados, que corajosamente enfrentavam o desespêro e a derrota e bravamente lutavam pela vida, ganhando no final. Aquêles que ouviam trabalhavam com o mesmo espírito de luta pela vida. Ganharam uma terra para a grande nação que é a América de hoje. Legaram aos filhos uma terra de aventura e liberdade. Acima de tudo, deixaram o glorioso exemplo de uma raça corajosa que conquistou o deserto, a despeito de todos os obstáculos que enfrentaram.

Seria bom que êsse memorável costume surgisse entre nós, e nada seria mais agradável para os familiares, do que certas noites especiais, onde se falaria a respeito das vidas e caracteres especiais dos antepassados. As vidas humanas são tão ricas em experiências! As lições aprendidas e os testemunhos ganhos devem ser repartidos com os outros, que podem tirar proveitos.

Um projeto de grande importância para a família é o de cada membro compilar um livro de recordações pessoais, um registro sagrado a ser escrito pelo espírito de inspiração, como os homens e mulheres fizeram no passado, "de acôrdo com o modêlo dado pelo dedo de Deus." (veja Moisés 6:5-6,8,45-46.) Em certa família com seis filhos, o pai, a mãe e tôdas as crianças, até o menorzinho têm seus livros de recordações pessoais, contendo registros, diversas fotografias, historietas relativas às crianças em diferentes idades. É interessante notar como cada pessoa estava orgulhosa de seu próprio livro, contendo tantos artigos de interêsse pessoal. Com a ajuda habilidosa dos pais, esta atividade pode ser executada, tornando-se uma relíquia para a vida inteira. Nas reuniões prèviamente planejadas, as crianças podem selecionar e preparar historietas e testemunhos de seus livros, para relatar à família tôda.

Assim, por uma gradação natural, o interêsse dos jovens em si mesmos, pela família e pelo Livro de Recordações, pode ser hàbilmente guiado, para transformar-se no desejo de procurar a genealogia da família, para que as ordenanças templárias possam ser realizadas por êles, o que é o objetivo real.

De si mesmos, o interêsse pode ser ràpidamente dirigido para seus avós e bisavós. Alguns dêles talvez ainda estejam vivos; e em ocasiões especiais, podem ser convidados a relatar incidentes. Pode-se fazer gravações das histórias contadas. Por exemplo, damos aqui a história da vida da mãe de Robert D. Young, que foi presidente do Templo de Lago Salgado:

"Quando mamãe, Mary Graham, tinha catorze anos de idade, vovô achava-se moribundo. Um élder da Igreja havia estado em sua casa, com um folheto, falando da

restauração do evangelho. Seu pai leu o folheto e disse: 'Mary, minha filha, isto é verdadeiro. Creio que o jovem trouxe-nos o evangelho verdadeiro. Procure-o.'

Depois da morte de seu pai (a mãe havia falecido há alguns anos), Mary, órfã, tornou-se empregada de uma família rica, os Allen. Quando souberam que ela começou a investigar o mormonismo, ficaram zangados, dizendo que estava prejudicando seus negócios ao assistir as reuniões da Igreja. As pessoas estavam pensando que êles simpatizavam com a religião tão impopular.

Em certa noite de chuva, a família tôda reuniu-se na sala. Chamaram Mary e o pai disse: 'Mary, aí está a porta. Escolha agora, entre nosso lar e o mormonismo.' Mary chorou. Naturalmente, gostaria de ficar, mas não podia renunciar ao evangelho, pois sabia que era verdadeiro. A solitária Mary saiu na noite escura, com apenas um xelim no bôlso, o qual deu a um amigo de seu pai, que lhe alugou uma sala para os élderes ensinarem-lhe o evangelho.

Surgiram muitos amigos para Mary. Arrumou outro emprêgo, casou-se e teve treze filhos, nascidos na Escócia. Em 1872 foram para Utah. Quando chegaram ao Lago Salgado, a família Allen lá estava para dar-lhes as boas vindas e oferecer-lhes uma festa. 'Você é a causa de nossa entrada na Igreja,' disseram êles.

Quando Mary deixou tão corajosamente o seu lar na Escócia, em vez de desistir do evangelho, a família Allen concluiu que sua religião devia ter algo de estraordinário. Sabiam que ela era dócil, cândida e uma das moças mais bonitas do lugar. O Sr. Allen disse: 'Não posso deixar de sentir que existe algo no mormonismo, que não compreendemos. Não pode ser simplesmente uma religião dos homens.' Êle e sua família investigaram e uniram-se à Igreja, imigraram para Utah e deram as boas-vindas a Mary e sua família, quando chegaram.

Pouco antes de sua morte, Mary, minha mãe, chamou seus filhos, contou-lhes essa história e disse: 'Talvez nunca lhes peçam que dêem tudo o que têm para a Igreja, mas se pedirem, dêem. Tenho oitenta anos e nunca recusei. Por isso digo isto a vocês, meus filhos, mesmo que levem o último centavo para a Igreja o dêem alegremente. É a melhor coisa que podem fazer."

Ao morrer, em 1911, tinha 125 descendentes. Todos foram inspirados por seu exemplo e testemunho.

Seguimos os que antes aqui passaram;
Porque viveram, temos vida hoje,
E fôrça para lutar contra as dificuldades.
Abriram a larga porta para nós,
Legando-nos tudo que aprenderam,
Deixando guias nas estradas onde passaram.
E, como o melhor legado que possuíam,
Apontaram-nos a direção a seguir."

(De "Children of the Dead," de Edgar A. Guest.)

Para que nossos corações realmente voltem-se aos nossos pais, precisamos conhecê-los, saber de suas experiências e virtudes, as recompensas que ganharam por si mesmos, com trabalho incessante, sacrifício e integridade. Êles esperam que nós, seus filhos, livremos do esquecimento as verdadeiras histórias de suas vidas e as escrevamos nos Livros de Recordações, contando-as e recontando-as à nossa posteridade, para que suas memórias não sejam olvidadas. Êles querem que vivamos dignamente; sendo dignos, dêles e de seus altos ideais, nossas vidas serão um monumento duradouro.

Recentemente, o Élder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze e sua espôsa Camilla, falaram numa reunião. Ela relatou incidentes da vida de seu avô, o pioneiro Henry Eyring. Élder Kimball falou sôbre a vida de seu avô, o Presidente Heber C. Kimball, de seu testemunho, de sua fé e de seus dons proféticos. A audiência estava bastante impressionada e ouvia com atenção.

Êsse também é um exemplo do que podemos fazer por nossas famílias.

Ao olharmos ao redor, vemos que quase tôdas as famílias têm histórias de conversão, experiências missionárias, aventuras de infância, etc., que podem ser relatadas nas reuniões do lar.

O Élder Mark Austin, que fôra presidente de uma estaca, conta uma experiência sôbre genealogia, ao fazer pesquisas na Inglaterra. A família de seu pai havia-se unido à Igreja e imigrado para Sião. Mark voltou à Inglaterra, numa missão. O pai enviou sua irmã Harriet à Inglaterra, para fazer os registros genealógicos. Antes de partir, recebeu uma bênção do Presidente Francis M. Lyman. Êste disse-lhe: "Por causa do amor de seu coração, por seus mortos, o Senhor lhe preparará os registros, que lhe serão dados."

O Élder Austin recebeu permissão de trabalhar com sua irmã nas pesquisas. Foram primeiramente à paróquia onde seus antepassados haviam vivido e procuraram uma tia, Mary. Harriet perguntou-lhe: "O amigo de papai, Barnet, ainda vive nas colinas distantes?" Tia Mary respondeu que sim. "Então vou procurá-lo."

Êle ficou feliz em vê-la e saber notícias de seu velho amigo. Conversaram sôbre a situação da família em Utah. Então, o sr. Barnet disse:

"Harriet, há cêrca de um mês atrás, estava caminhando até o celeiro e de repente senti uma forte impressão sôbre mim, como alguém dizendo-me que voltasse à casa, pegasse um livro, fôsse aos registros da igreja e copiasse os nomes de todos os membros da família Austin que haviam vivido e morrido nesta cidade. Debati-me alguns minutos, mas não consegui livrar-me daquela impressão. Voltei à casa e contei à minha espôsa, que respondeu: "Se é o que você deseja fazer, faça-o". Acabei de copiar e estava justamente perguntando a mim mesmo se seu pai teria algum uso para êle."

Harriet respondeu-lhe: "Vim, a pedido de meu pai, buscar tais registros. Papai ficará encantado quando souber o que o senhor fêz por nós."

Harriet e Mark contaram-lhe de seu objetivo, e o velho senhor ficou muito contente, ao saber que o Senhor o havia usado.

O Élder Austin contou, mais tarde, que o velho ministro da paróquia sempre havia sido contra o mormonismo e nunca teria deixado Mark e sua irmã procurar nos registros da mesma. Contudo, o sr. Barnet, como diácono da igreja, tinha completo acesso aos registros.

O Senhor, ciente dessa condição, inspirou Barnet a fim de copiar os registros para êles.

As palavras do Presidente Lyman foram inteiramente cumpridas. O Senhor fêz com que os registros fôssem compilados e entregues à família Austin!



PÁGINA FEMININA

Elsa

CAPÍTULO 5

Mabel Harmer

Resumo: *Elsa Breinholt deixa sua cidade natal, Heidelberg e vai para a América, onde fica sob os cuidados da família de George Clayton, aquartelado na Alemanha com o exército americano. Ela consegue trabalho numa loja e compartilha um apartamento com três outras moças.*

Elsa olhava para os dias vindouros com certa apreensão, pois seria o primeiro Natal longe de casa. Sabia que sentiria uma enorme falta dos velhos costumes natalinos de lá. Entre a multidão de pessoas que chegavam em número crescente à loja, imaginava se o Natal na América não seria apenas uma louca correria de compras e mais compras.

Suas três colegas de apartamento tinham ido para seus respectivos lares, e cada uma delas convidara Elsa para ir junto. Já que os Clayton insistiram para que fôsse à ceia e também passasse o dia com êles, ela descartara-se dos outros convites. Como lamentava agora essa decisão! A Sra. Clayton telefonara logo após o desjejum, avisando que a mãe falecera no Arizona e que êles partiriam imediatamente.

Recolocou o fone no gancho vagarosamente. Bem, ela poderia, ainda, divertir-se desembrulhando os presentes que recebera. Faria com que isso durasse o máximo possível. Com critério, poderia até alongar a cerimônia por uma hora. E sobrariam mais dez horas para o dia findar-se. Sòmente dez. Mas pareceriam cem.

Desamarrou as fitas lentamente. Assim mesmo chegou à última caixa em 20 minutos. Era um pacote imenso, embrulhado num papel decorativo, com um lindo "chou" vermelho. O cartão dizia, "de Papai Noel." Elsa sabia que não podia deixar de ser de Burt. Depois de aberto o pacote, ela retirou um cangurú de veludo marrom. Elsa recordava-se de que Burt dissera que Papai Noel lhe daria um presente para oferecer a uma outra pessoa.

Como os garotos se encantariam com êle, pensou Elsa. Havia Tony, o sobrinho de Clarice, com três anos de idade. Talvez algum dia ela o desse de presente a êle.

Mas e se justo agora houvesse alguma criança despojada do verdadeiro Natal, como êste que ela desfrutava? Alguém que confiara em São Nicolau até aquela manhã e depois se desapontara. Não havia jeito de encontrar uma criança nessas condições, mas poderia levar o presente a um hospital infantil. Talvez houvesse carência de brinquedos entre os jovens pacientes.

Ela o levaria pessoalmente. Isto a manteria ocupada, bem como lhe daria a oportunidade de propiciar um pouco de felicidade a alguém. Essa idéia tornou o dia um pouco mais claro, mas não completo.

Esperou impacientemente até a hora do almôço, embrulhando, então, o cangurú com todo o cuidado num papel decorativo e saiu para pegar o ônibus. Chegando ao hospital, encaminhou-se até a porta e olhou ao seu redor. Não havia ninguém na recepção, mas alguns instantes depois uma senhora aproximou-se, rápida. Elsa ficou satisfeita ao reconhecer que ela fazia parte do côro.

"Alô, Irmã Watson," disse ela. "É aqui que a senhora celebra o Natal?"

"Hoje é," foi a resposta. "E duvido que Papai Noel não estivesse mais ocupado ontem à noite do que eu hoje. Estamos com falta de auxiliares e tenho que ajudar de dois modos, como recepcionista e operadora de PBX. Como posso ajudá-la?"

"Vou ver se não aumento seus deveres," sorriu Elsa. "Trouxe um presente, esperando que alguma criança pudesse servir-se dêle. Foi algo que ganhei, mas não para guardar." Tirou o papel que o envolvia e segurou o cangurú para aprovação.

"Deixe-me ver agora. Oh, sei de um menino," afirmou a Irmã Watson, fazendo sinal com a cabeça. "O pequeno Danilo não teve visitas hoje. Seu pessoal reside em Montana. Foi operado dos pés, por isso ainda não pode brincar por aí. Êle está naquela cama do canto. Talvez fôsse melhor você mesma levar o presente até lá. O painel precisa de minha atenção."

"Gostaria imensamente. E posso ficar por alguns instantes?"

"Claro que sim. Se souber contar história, ou quiser ler uma, seria ótimo. Duvido que algum dos nossos voluntários apareçam hoje — tão bons que são em nos dar seu tempo."

Elsa entrou no salão. Havia uma dezena de camas alinhadas contra a parede. Alguns dos pequenos pacientes não se moviam em suas camas. Outros estavam sentados e uns poucos permaneciam em cadeiras de rodas.

A maioria estava entretida com os novos brinquedos que tinham recebido no Natal.

Ela parou diante da cama de Danilo. O menino parecia ter quatro anos de idade. Ambas as pernas es-

tavam enfaixadas; mas êle estava sentado, jogando uma bolinha presa a um cordão, que sempre a trazia de volta.

"Alô, Danilo," sorriu-lhe Elsa. "Que linda bola! Posso jogar só uma vez?"

"Sim," concordou êle de pronto, parecendo contente.

Elsa pegou a bola e jogou-a uma vez. "Isso é divertido," disse ela, jogando-a de volta.

"Trouxe-lhe outro presente. Quer vê-lo?"

"Oh, sim." Seus olhos brilharam e êle fitou-a ansiosamente.

Ela entregou-lhe o cangurú e êle gritou de contentamento. "Qual é o seu nome?" perguntou.

"Não sei, realmente. Você terá que lhe dar um. E deve ser um nome feminino. Vê esta bôlsa aqui na frente? É para carregar um bebê cangurú."

"Então — o nome dela é — Sarinha."

"Oh, ela ficará muito contente porque você lhe deu êsse nome. Demonstra que a ama."

Danilo concordou com a cabeça.

Elsa pegou uma cadeira e sentou-se. Danilo examinava o cangurú, movendo-lhe a cauda, puxando-lhe as orelhas, esmurrando-lhe o focinho. Êle guardou a bola na bôlsa do cangurú e deu um grito de prazer.

"Espero que você encontre tôdas as espécies de coisas para colocar aí dentro," sugeriu Elsa. Danilo procurou cuidadosamente, mas não pôde encontrar nada, assim, Elsa deu uma busca em seus bolsos. Tirou um lenço florido, um espelhinho e um bilhete de ônibus. Danilo guardou tudo como se fôsse um tesouro precioso e raro.

O bebê da cama ao lado começou a chorar e ela aproximou-se dêle. Não sabia o que fazer alí de pé, falando em tom suave, mas o bebê simplesmente olhava, parando por um momento e depois abrindo a bôca no mundo.

Elsa não sabia se poderia ou não tomar a criança ao colo. Sabia que o regulamento dos hospitais era rígido em tais questões. Decidiu voltar e pedir permissão. "Será que poderia pegar o bebê da cama ao lado da de Danilo?" perguntou ela. "Êle parece tão só!"

"Certamente," replicou a Irmã Watson. "Mas vista um uniforme sôbre seu vestido. Há vários naquele armário do corredor. Pode apanhar um dêles. É um caso ortopédico também."

Elsa encontrou um uniforme que era do seu tamanho exato, vestiu-o sôbre a roupa e voltou. O bebê parou de chorar no instante em que foi pêgo ao colo. Ela deslizou sua mão sob o avental do bebê e bateu-lhe nas costinhas. "Acho que você fica muito cansado, deitadinho todo o tempo," disse ela com pena. "Bem, quem não ficaria?" Elsa continuou a acalentá-lo suavemente, até que êle dormisse.

Quando ia colocar a criança em sua cama, ouviu uma voz masculina que disse, "Poderia ajudar-me aqui por alguns minutos, enfermeira, se estiver livre?"

Por um momento Elsa não percebeu que o médico falava com ela, mas um rápido olhar demonstrou não haver ali ninguém mais que pudesse desempenhar êsse papel. Dirigiu-se à outra cama, onde o médico tentava retirar umas ataduras muito difíceis, devido aos movimentos de braços e pernas da criança.

"Não sou enfermeira," explicou. "Simplesmente passei por aqui. Mas gostaria imensamente de ajudar, se me permitir."

"Tudo o que você necessita é de fôrça e destreza," disse o doutor. "Tente segurar todos os quatro membros e não ligue para os gritos. Êle não está sofrendo nem a metade. Esta é a sua grande chance de ser ouvido." Depois disse ao menino, "Bem, Ricardinho, apenas olhe para a linda moça e você nada sentirá."

O menino parou um pouco para dar uma olhadela e gritou ainda mais alto.

"É isso o que êle pensa sôbre uma linda moça," sorriu Elsa. "Você quer ver como fico engraçada?" perguntou.

Ricardinho aquietou-se um pouco duvidoso e Elsa puxou os cantos da bôca, levantando o nariz.

"Faça de nôvo," pediu êle, enquanto Elsa tomava fôlego.

Amàvelmente ela fêz outra careta, enquanto o menino observava fascinado e em silêncio.

Depois da quarta vez o médico disse, "Você pode descansar agora e voltar a ser linda. E muito obrigado. Poderá poupar seu tempo e energia para um outro paciente?"

"Sim, certamente. Gostaria muito. Não tenho outra coisa para fazer."

"Por aqui, então." Enquanto andavam em direção à outra extremidade da ala, o médico perguntou, "Como não tem outra coisa para fazer no dia de Natal?"

"É uma longa história," replicou Elsa com um sorriso apagado. "Cheguei da Alemanha no outono passado, sòzinha. Quero dizer, a única de minha família. Fui convidada para jantar com uns amigos, mas houve um caso de morte na família e tiveram de cancelá-lo. Isto deixou-me com um dia inteiro sem companhia, portanto, vim para cá. Consegui minha entrada com um cangurú de veludo."

"Você veio de encomenda para as crianças e para mim. Sou Bruce Kirton."

"Sou Elsa Breinholt e estou muito feliz em auxiliá-lo. Agradeço pelo fato de ajudar-me a passar êste dia. Está sendo bem mais agradável do que eu esperava."

Depois de haverem atendido o outro menino, Elsa perguntou, "Não é um pouco desagradável ter de desistir do feriado para trabalhar?"

Êle deu de ombros. " Faz parte do trabalho. De qualquer modo, teria que ir jantar em casa da mana esta noite. Mas com a dezena de parentes e mais quinze ou dezesseis crianças, decidi que seria melhor vir até aqui. Os sadios são mais difíceis de se cuidar do que os doentes, pois gostam de soprar cornetas e brincar com bolas. Para ser honesto, gostaria de esquiar amanhã; é por isso que estou fazendo parte dos meus deveres hoje."

"É por essa razão que gosto dos americanos," riu-se ela.

"Nossa esquiação? Certamente, vivendo tão perto dos Alpes, você tem..."

"Não é por êsse motivo. Sua honestidade — ou melhor, sua franqueza."

"Agradeço. Devo dirigir-me às outras alas," prosseguiu êle. Se quiser ocupar-se aqui por mais uma hora, ficarei contente em ter sua companhia para o jantar desta noite. Há poucos bons restaurantes abertos, creio eu."

"O prazer seria meu," exclamou ela. "Lerei algumas histórias para as crianças, dos seus livros de Natal."

"Bom, eu a encontrarei no vestíbulo às seis."

Ela afastou-se com um olhar de felicidade, que pouco depois apagou-se. Será que êle a convidara sòmente porque havia contado seu triste caso? Ou talvez como pagamento dos auxílios prestados? Ou apenas porque quisesse companhia — qualquer companhia para o jantar? Não tinha importância, realmente. Esta era sua única oportunidade para passar o Natal com alguém e iria desfrutá-la.

Voltou à cama de Danilo. "Sarinha comportou-se bem?" perguntou.

"Ela comeu todo o meu jantar," foi a resposta.

"Que coisa! Não é justo. Você deve olhar bem para ela não deixar ir tudo para a sua bôlsa."

"Vô ficá de ôlho!"

"Quer que eu leia uma história?"

"Oh, sim! Os livros tão ali. Gosto daquele com capa vermelha."

Havia pelo menos vinte livros com capa vermelha, mas ela escolheu um e voltou para ler. Não chegou uma história só, naturalmente. Ela percebeu que o rapazinho da cama vizinha aproximou-se para ouvir e então pôs sua cadeira entre as duas camas. Leu mais de dez histórias.

Já eram um quarto para as seis e queria dedicar aquêles minutos para tirar o uniforme e refrescar-se um pouco antes do jantar.

"Tenho que ir, agora," disse ela, "mas voltarei outro dia e lerei mais histórias para vocês."

Houve sinais de protesto, mas ela simplesmente sorriu e firmemente fechou o livro. Ia colocá-lo na prateleira, quando ouviu um grito que vinha da última cama. Um garotinho de cabelos loiros virou o rosto para a parede. Estava retorcido de dor.

"Que aconteceu, filhinho?" perguntou Elsa.

"Eu me machuquei," disse êle entre soluços.

Elsa curvou-se e tomou uma de suas mãos. "Onde foi?"

"Minhas pernas tão queimadas."

Faltavam agora dez para as seis e ela queria apressar-se, mas o menino continuava agarrado à sua mão. Notou um palhaço sôbre o trapézio, aos pés da cama. Apanhou-o e fêz com que êle executasse algumas momices. O menino parou de chorar e sorriu tìmidamente.

"O palhaço gosta de você, êle quer que você sorria."

Miguel tentou, mas um espasmo de dor atravessou-lhe o semblante e êle apertou as mãos de Elsa. Ela soltou uma das mãos e começou a alisar a cabeça do menino, esperando que êle dormisse.

"Escute, Miguel," disse suavemente, "tenho de ir. Alguém está esperando por mim. Não tive Natal ainda e esta é minha oportunidade. Estou muito longe de casa — e pela primeira vez na vida. Se eu não fôr agora, êle pensará que não quero ir. E eu gostaria — muitíssimo."

Elsa conversava consigo mesma, pois o menino não estava ouvindo uma palavra sequer. Olhou para o relógio. Seis e vinte. Certamente se êle se importasse, viria até a porta e a procuraria. Êle não se importara muito, afinal de contas. Era mais um desapontamento nesse desventuroso dia. Ela bem que podia permanecer alí e fazer o que pudesse para ajudar aquela pobre criança.

■

Mestre, são plácidas
tôdas as horas
que nós perdemos,
Se ao perdê-las,
qual numa jarra,
nós pomos flôres...

Ricardo Reis

■

Já eram quase sete horas quando retirou sua mão sem os protestos de Miguel. Vagarosamente dirigiu-se para o vestíbulo, a fim de tirar o avental e apanhar seu casaco. Êle nem mesmo olhara na ala. Era desconcertante. Uma nevoa encobriu os seus olhos. Por que não pudera ter êsse pouquinho de felicidade? Passou a mão nos olhos e foi nesse momento que seu coração deu um salto.

Ali estava êle, numa espreguiçadeira, ressonando. Havia esperado. Sentiu-se aliviada.

Ràpidamente dirigiu-se para o armário, em busca do casaco. Empoou o nariz com brevidade, pois êle poderia acordar a qualquer instante e não saberia onde encontrá-la.

Quando voltou ao vestíbulo, êle ainda estava dormindo. Elsa parou, hesitante. Talvez êle ficasse ali por tôda a noite. Com certeza necessitava muito mais dêsse repouso do que qualquer lauto jantar — ou mesmo de sua companhia.

Mas ela não podia deixá-lo, desertando. Poderia sentar-se ou acordá-lo... mas e se tivesse de ficar esperando até às nove ou dez horas? Êle iria pensar que ela era uma grande tôla. E talvez o fôsse, mesmo. Esperaria sòmente uns quinze minutos. Já estava no meio da sala quando ouviu uma voz dizendo, "Boa noite, Senhorita Breinholt." Ela virou-se, um tanto confusa.

"Assim, estava a ponto de desertar," continuou êle em tom acusador e irônico. "Próprio das mulheres. Feche os olhos por um minuto e ela desaparece." Êle olhou para o relógio. "Puxa! A última vez qúe olhei para o relógio faltavam apenas vinte para as seis. Você não esteve..."

"Esperando? Não, tive de ficar lá, acalentando Miguel até que dormisse. Pensei que já tivesse ido embora há muito tempo."

"Ou você," acrescentou êle rindo-se. Tomou seu braço e conduziu-a para o carro. No alto da Rua Principal êle parou. "Sempre arranjo algum tempo para apreciar êste quadro", afirmou. "É uma delícia. Creio. que ainda não me cansei."

Elsa sòmente pôde responder com uma exclamação. Lá em baixo, até onde a vista alcançava, divisou centenas de luzes que bem expressavam a época festiva do Natal. Em cada extremidade havia uma grande estrêla, suspensa aparentemente por suas quatro correntes de luz. Por um momento o espetáculo a manteve encantada. Então, em lugar dêsse quadro, viu um grande castelo no cimo de uma colina verdejante. Mais além, uma ponte antiga e fogos de artifício estourando por tôda a parte. Haveria uma vista em qualquer parte do mundo que se pudesse comparar? Aquilo era o antigo e êste caminho de luzes era o moderno. Estava com seus pés sôbre o moderno, agora. Fizera sua escôlha.

Sem qualquer outra palavra, o doutor Kirton pôs o carro em movimento, rumo ao caminho de luzes. *Continua*

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA FEVEREIRO

1.ª SEMANA

APRENDEMOS A CRESCER EM PERFEIÇÃO ATRAVÉS DA FRATERNIDADE

Designe a oração antes da hora e peça à pessoa que vai fazê-la para agradecer ao Pai Celestial pelo privilégio de ser membro da Igreja restaurada de Jesus Cristo.

Revisão e Retrospecto:

Às vêzes ouvimos dizer que não tem importância o fato de que a pessoa pertença à Igreja — pois tôdas as igrejas orientam seus membros e levam ao céu. Peça à família para que pense sôbre êsse fato Por que é necessário pertencer à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias para alcançar a salvação no reino de nosso Pai Celestial? Reveja a lição da semana passada.

Lição:

1. *O evangelho foi restaurado a fim de nos prepararmos para a vida eterna.*

Inicie esta lição pedindo aos membros da família que abram o livro D&C 133:57. Deverão ouvir atentamente enquanto o versículo é lido, a fim de que vejam as razões porque nosso Pai restaurou a plenitude do evangelho a nós. Se necessário, leia o versículo novamente, para que compreendam bem que o Pai restaurou o evangelho a fim de nos prepararmos para viver com Êle eternamente.

Leia a seguinte declaração de Brigham Young: "Há pouco tempo, em palestra com um visitante que estava para regressar ao leste dos Estados Unidos, êle me disse: "Vocês consideram-se perfeitos?"

"Oh, não," disse eu, "de modo algum; deixe-me definir. A doutrina que abraçamos é perfeita, mas quando nos volvemos para as pessoas, temos muitas imperfeições. Não somos perfeitos, mas o evangelho que pregamos visa o aperfeiçoamento das pessoas, a fim de que possam obter uma gloriosa ressurreição e viver na presença do Pai e do Filho." (Discourses of Brigham Young, p. 7) Enquanto discute o significado desta declaração, faça o desenho ao lado.

Quando foi argüido, Brigham Young disse que os santos eram perfeitos? Não, disse que estavam longe da perfeição. (Depois de desenhar as figuras, escreva o que se acha no lado esquerdo das mesmas.)

Que disse Brigham Young sôbre o propósito do evangelho? É o de aperfeiçoar os santos, prepará-los para a ressurreição e para viver com o Pai. (Complete o desenho.)

O fato de que podemos nos aperfeiçoar o suficiente para viver com o Pai Celestial também é declarado em D&C 67:11-13, por isso, peça a alguém para ler. Depois discuta: O que sabemos sôbre nós mesmos para explicarmos a possibilidade de nos esforçarmos e obtermos a perfeição? (Apesar de sermos mortais aqui na terra, e sujeitos a muitas fraquezas, somos filhos de Deus e temos a potencialidade de nos tornarmos como Êle.)

2. *Crescemos gradualmente para a perfeição*

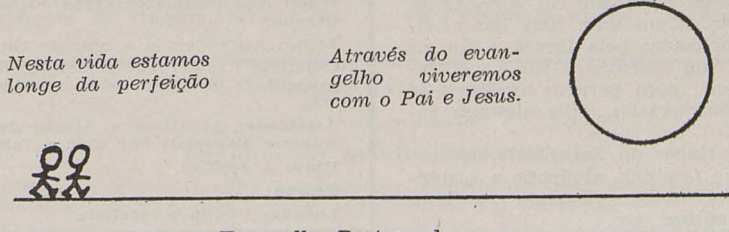
Em suas próprias palavras, diga à família o que precisamos para sermos perfeitos. Leia Mateus 5:48; o mesmo mandamento foi dado no Antigo Testamento em Deut. 18:13 e Sal. 101:6. Entretanto, êsse mandamento não foi compreendido até que um maior conhecimento sôbre êle fôsse dado por Jesus Cristo a Joseph Smith. O primeiro Profeta da Igreja ensinou que progredimos gradualmente por obediência ao evangelho, através do qual poderemos alcançar a perfeição. Foi-lhe revelado que mesmo nosso Salvador Jesus Cristo crescia em graça. Convide uma pessoa para ler em D&C 93: 11-13 as palavras de João, o apóstolo bem-amado de Jesus, aos quais foram reveladas a Joseph Smith. Depois peça a outra pessoa para ler os versículos 19-20, ainda dessa seção. A mesma idéia do que é ensinado nesta escritura foi declarado por Joseph Smith. Discuta seus significados usando o desenho.

"Consideramos que Deus criou o homem com uma mente capaz de instrução e tendo a faculdade de desenvolver-se na proporção da necessidade e diligência, através da luz que vem do céu ao intelecto; e quanto mais próximo o homem esteja da perfeição, mais claras são suas idéias e maior sua alegria, até sobrepujar os males da vida e perder o desejo de pecar. E, como os antigos, chegar a um ponto onde será envolvido pelo poder e glória de Seu Mestre, que o tomará para ir morar com Êle. Consideremos, entretanto, que êste é um estágio que homem nenhum alcançou até o momento. Êle deverá ser instruído sôbre o govêrno e leis dêsse reino, até que sua mente seja capaz de compreender a retidão, justiça, uniformidade e solidez do mesmo." (Teachings of the Prophet Joseph Smith, p. 51)

Se houver crianças na família, transmita a declaração acima com suas próprias palavras. Use o desenho para mostrar que cada vez que seguimos a orientação do Pai, a qual sabemos vem através do Espírito Santo, estamos nos aproximando d'Êle. Entretanto, isso não será alcançado de imediato. Progredimos gradualmente em direção ao Pai e Jesus quando sobrepujamos o pecado e guardamos Seus mandamentos. Ilustre êsse ponto, fazendo o seguinte desenho: Ajude cada familiar a compreender que é possível nos tornarmos perfeitos. Não importa quão longe estejamos da perfeição, podemos caminhar passo a passo em direção do Pai se obedecermos o evangelho restaurado.

3. *Crescemos em perfeição quando aprendemos a amar o próximo*

Através de discussão, esclareça que partindo do ponto inicial, passo a passo, vamos tendo experiências que visam guardar os mandamentos. Pergunte se os familiares lembram-se de algum



mandamento de amar um ao outro que Jesus nos transmitiu. O seguinte foi usado em lições anteriores, que poderão ser revistas nesta ocasião:

O primeiro e segundo mandamentos — Mateus 22:37-40.

O mandamento de amar como Jesus nos ama — João 15:12-13.

O mandamento de evitar contenda — 3 Néfi 11:28-30.

Recebemos mandamentos semelhantes a êstes, nos últimos dias, que nos ajudarão a aprender a amar um ao outro. São encontrados em D&C, que contém mandamentos especialmente dados a nós. Peça a alguém para ler a seção 38:24-25. O que Jesus quis dizer quando ordenou que "amasse seu irmão como a si mesmo?" Encorage cada um a dar sua opinião. Saliente que significa importar-se com os sentimentos dos outros, o que lhes acontece, etc.

Brigham Young expressou a mesma idéia, quando disse: "Os santos dos últimos dias têm que aprender que os interêsses de seus irmãos são seus próprios interêsses, ou nunca poderão ser salvos no reino celestial." (Discourses of Brigham Young, p. 271)

Por que êsses mandamentos foram repetidos no versículo 25? (Assim procedendo, alcançaremos a vida eterna.)

Peça a alguém para ler D&C 52:40. Leia também a seção 5:7. Como Brigham Young declara, essa leis ou mandamentos são perfeitas. Apesar de sermos imperfeitos, por não guardá-las, podemos tentar fazê-lo e cada esfôrço nos aproximará mais do Pai. (refira-se ao desenho) Se continuamos a viver Suas leis, podemos, eventualmente, aprender a guardá-la do mesmo modo perfeito que nosso Pai e Jesus.

Talvez você deseje relembrar os mandamentos que nos foram dados através da Igreja restaurada. Apesar de não serem todos sôbre o mesmo assunto, ilustram claramente como fomos orientados, de maneira que possamos crescer até sermos perfeitos, amando uns aos outros. A lista pode incluir o seguinte:

Estime seu irmão como a si próprio.
Lembre-se do pobre e do necessitado.
Lembre-se do doente e do aflito.
Fortaleçam-se um ao outro. Ajude o fraco.

Depois de finalizada a hora familiar, coloque a lista onde possa ser vista com freqüência durante a semana.

4. *A Igreja Restaurada ajuda-nos a crescer em amor por nossos irmãos*

Não temos apenas os mandamentos que nos levam a amar um ao outro, como também temos a Igreja Restaurada para nos ajudar. Tôdas as atividades da Igreja estão baseadas no espírito de fraternidade. Jesus tornou isto claro, conforme escritura em João 13:35.

A seguir damos uma lista das atividades propiciadas pela Igreja, a fim de que cada um desenvolva sua capacidade de amar; peça para os membros da família enumerá-las. Eis algumas sugestões:

PAI: Atividades do Sacerdócio, tal como mestre familiar, ajudando a sustentar um missionário, fazendo projetos para o quórum, etc.

MÃE: Trabalhando nas auxiliares da Igreja, ensinando na Sociedade de Socorro, prestando serviço aos necessitados, etc.

RAPAZ: Atividades do sacerdócio, distribuir o sacramento, acompanhar o mestre familiar, ser missionário, ajudar os líderes da Igreja, ser leal para cada membro do grupo, etc.

CRIANÇAS: Ajudar os professôres e líderes da Igreja, ser amigo de cada membro do grupo, ser bondoso para com os amigos não-membros, etc.

Use os seguintes incidentes para ilustrar como as atividades da Igreja nos ajudam a amar um ao outro. Se quiser, poderá substituí-las por suas próprias experiências:

- A família Souza era bem grande. Apesar do pai ter um bom emprêgo, quase nunca sobrava dinheiro para gastos extras, além das despesas da família e do filho que fazia missão. Certa noite, algo trágico aconteceu. O lar dos Souza incendiou-se. Os familiares salvaram-se, mas perderam todos os bens. Os pais não tinham idéia do que fazer. Os membros da Igreja agruparam-se ao redor dêles e os levaram para seus próprios lares. Os líderes do sacerdócio emprestaram à família uma casa que haviam comprado e todos os homens e rapazes do ramo e distrito começaram a trabalhar na reconstrução da casa queimada. Os homens revezavam-se de dia e à noite. As mulheres preparavam as refeições e ajudavam a levantar fundos. As crianças partilhavam roupas e brinquedos. Duas semanas depois do acontecido, os Souza estavam novamente instalados em sua casa, devido ao amor de seus irmãos da Igreja.

- As Professôras Visitantes visitavam a Irmã Carmem, uma senhora idosa que se recobrava de um derrame e vivia sòzinha.

Como não pudesse manter seu quarto limpo, nem tratar-se muito bem, a Irmã Sílvia disse, "Penso que é muito desagradável a sua filha não poder vir ajudá-la." A Irmã Sílvia sabia que a filha da senhora morava muito longe, tinha duas crianças pequenas e estava esperando outra. Pensou, então, "poderei encontrar tempo para ajudá-la se realmente tentar." E assim, tôdas as manhãs essa irmã ia à casa da velha senhora e fazia o que era necessário. Logo a Irmã Carmem estava bem melhor e não precisava mais de ajuda.

Saliente que as ações muitas vêzes são insignificantes, a menos que sejam motivadas por um genuíno sentimento de amor para com a pessoa beneficiada.

5. *Crescemos quando nos amamos uns aos outros*

Apesar da Igreja restaurada prover numerosas experiências de amar um ao outro, às vêzes não lucramos com elas por que não aproveitamos as oportunidades que se apresentam ou falhamos em cuidar de nossos irmãos e irmãs; muitas vêzes fazemos coisas por prestígio, senso de dever, evitar a crítica, etc.

A seguir, há quatro declarações que ajudarão cada pessoa em sua família a verificar se está aprendendo a estimar seu irmao como a si mesmo e está progredindo em sua capacidade de amar. Apesar de sòmente poucas das várias oportunidades oferecidas pela Igreja serem consideradas, estas declarações indicarão claramente se uma pessoa está ou não crescendo em perfeição através da fraternidade. Peça a cada um para escolher honestamente a declaração de cada tópico que descreve seus sentimentos.

- *Lembrar-se dos doentes e aflitos*

a. Não sinto responsabilidade para com aquêles que estão doentes ou aflitos.
b. Oro pelos doentes e aflitos, mas raramente os visito.
c. Não sòmente oro para os doentes, mas os visito, encorajo e ajudo.

- *Promover o sentimento de fraternidade no grupo*

a. Há alguém em meu grupo (escola, quórum) que não gosto.
b. Tenho o meu próprio grupo de amigos e não presto atenção aos outros membros.
c. Tento ser um bom amigo para cada membro. Realmente importo-me com cada um.

- *Dar boas-vindas aos novos membros*

a. Nunca tento aproximar-me dos novos membros.
b. Sempre sou dedicado com os novos membros, se acontece de encontrá-los.
c. Esforço-me por encontrar os novos membros do ramo e tento conhecê-los.

- *Sou missionário para com os não-membros*

a. Não faço esfôrço para ser amigável com aquêles que não são membros da Igreja.

PROGRAMA SUGERIDO

1.a semana

Hino: Não deixeis palavras duras, n.º 38.
Oração:
Lição: Aprendemos a crescer em perfeição através da fraternidade.
Objetivo: Crescer em perfeição, realizando experiências que aumentarão nossa capacidade de amar todos os filhos do Senhor, cada um dos quais é nosso irmão.
Atividade: Atualizar o Álbum de Recordações.
Número Especial: Por tôda a família.
Hino: À escôlha.
Oração:
Lnache: Pudim e refrêsco.

b. Sempre sou delicado com os não-membros, mas não os conheço muito bem.

c. Sinto que aquêles que não pertencem à Igreja ainda assim são meus irmãos. Ajudo-os quando posso. Fico atento às oportunidades de partilhar o evangelho com êles.

A designação da próxima semana será a de que cada membro escolha uma maneira específica que usará para mostrar amor àqueles que não pertencem à família. As declarações acima, sem dúvida, ajudarão a indicar onde o melhoramento é necessário. Distribua lápis e papel, para que todos façam seus planos bem definidos. As seguintes sugestões poderão ajudar:

A. Visitar um amigo doente e mostrar atenção para com êle.
B. Visitar uma pessoa inválida para melhorar sua maneira de pensar sôbre ela e apreciá-la mais.
C. Pensar em uma pessoa do grupo com quem não tem sido amigável ou não conhece muito bem. Poderá visitá-la em seu lar, convidá-la para vir ao seu ou partilhar de uma atividade junto.
D. Comunicar-se com um membro do seu grupo que não esteja freqüentando regularmente as reuniões da Igreja. Arrume um meio de convidá-lo para a próxima reunião. Deixe-o saber que está satisfeito com a sua companhia. Faça-o sentir-se bem.
E. Procure conhecer os novos membros do seu grupo e faça-os sentir que são parte dêle.
F. Dispenda tempo visitando alguns amigos não-membros e demonstre-lhes que tem sentimentos de amor para com êles.

Use o desenho, saliente que qualquer das experiências acima ajudarão cada familiar a amar seus irmãos mais profundamente, tornando-o mais próximo do Pai Celestial e de Jesus. Apesar de parecerem insignificantes, cada experiência executada ajudará as pessoas a galgarem um passo na direção da perfeição, através do amor fraternal.

Ao encerrar a reunião, sugira que cada um ore ao Pai, para que ajude cada qual a sentir o espírito de fraternidade durante a próxima semana.

2.ª E 3.ª SEMANAS — PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

1. *Porque esta atividade é importante para a família*

Embora a Igreja restaurada baseie-se nos princípios de amor, muitas vêzes estamos tão ocupados que não temos tempo de gozar o amor e companhia de nossos vizinhos, amigos e parentes. Quando isto acontece, nos privamos de uma das mais doces alegrias da vida e também de uma das maiores fontes de desenvolvimento espiritual.

Durante o planejamento e execução desta atividade, você terá oportunidade de avaliar e decidir se precisa ou não preparar suas atividades e dispender mais tempo e atenção exigem que descubramos que é mais importante. Planeje esta atividade, que ajudará todos os membros da família a compreenderem que é importante dispender tempo para com o próximo.

2. *Planeje a atividade com sua família*

Uma pequena reunião de preparação deverá ser realizada para planejamento da atividade familiar. Poderá ser realizada antes ou depois da refeição, quando a família estiver reunida. A fim de ilustrar a importância de dispender tempo com os outros, você poderá contar a seguinte história:

Certa jovem economizou bastante, para poder passar um dia em uma cidade próxima da sua; passou muitas horas pensando na alegria que teria e nas coisas que veria. Finalmente chegou o dia e ela tomou o trem para a cidade. Visitou primeiramente as Lojas Americanas. Ficou encantada com o que viu por lá; começou a comprar cada coisa que atraía sua atenção. Comprou bijuterias, cosméticos, fitas para o cabelo, etc. Quando seus braços já estavam repletos de pacotes, decidiu que era tempo de ver alguma coisa mais, assim, colocou os embrulhos ao lado e contou o dinheiro que sobrara. Para sua surprêsa, descobriu que tinha gasto demais, inclusive o dinheiro para pagar a passagem de volta. Não tinha dinheiro para outras coisas agora, nem mesmo para a refeição que pensara saborear no restaurante. Ficou desapontada, porque não planejara como gastar o dinheiro e compreendeu, então, que o gastara sem sabedoria.

Algumas vêzes somos bastante tolos, por dispendermos nosso tempo dessa forma. Podemos dispendê-lo com atividades menos importantes, deixando de lado pessoas verdadeiramente achegadas a nós. Esta atividade pode ser chamada de "atividade bem preparada", porque permitirá à família dispor do tempo em companhia de amigos, vizinhos ou parentes esquecidos.

Se os pais perceberem quais são as bênçãos que podem ter ao partilharem da irmandade e companheirismo, tornarão a ocasião realmente importante, podendo atingir o verdadeiro e duradouro significado do amor.

Discuta qual das atividades a família gostará de realizar, ou talvez a mesma sugira outras idéias melhores. Lembre-se do que fazem ou com quem se encontram; a atividade deverá ser planejada num espírito de amor e fraternidade. Será uma experiência que fortalecerá tôda a família.

1. Planeje uma "noite em família" com as pessoas ou famílias que têm interêsse em comum, mas que não se podem ver freqüentemente. Poderão mostrar fotografias, compartilhar experiências pessoais (os casais mais velhos sempre têm um interessante repertório dessas experiências), talento musical, experiências de viagens, etc.

2. Planeje uma tarde com velhos amigos que não vêem há longo tempo.

3. Planeje um "tempo disponível" com os membros de sua família que não têm visto a miúde. Poderão ser os avós, filhos casados, irmãos, primos, etc. Diversos parentes poderão reunir-se nesta atividade.

4. Planeje uma festa, convidando os vizinhos, com atividades tais como jogos ou canções, onde adultos e jovens possam participar.

5. Planeje uma "atividade de trabalho" onde tôda a família reuna-se num projeto para alguém doente ou bem idoso, que necessita de ajuda, como limpeza da casa, consêrtos, etc. Muitas vêzes, as melhores e mais doces lembranças de uma família são de ocasiões como esta.

6. Planeje uma noite para visitar uma família com quem gostariam de estar mais familiarizados.

3. *Fazendo os planos com outras famílias*

Como esta atividade será realizada com outras famílias, você deverá convidá-los com antecedência. Planejem juntos o seguinte:

- Tempo: estabeleça a melhor hora para todos. Uma vez marcada, cada membro da família referida deverá fazer um esfôrço especial para comparecer.
- Local. Concorde com o mais conveniente para todos.
- Lanche: Planejem juntos. Poderá ser uma refeição quente, um lanche frio ou simplesmente bolachas e refrêsco. Divida os gastos e as designações.

PROGRAMA SUGERIDO

2.a e 3.a semanas

PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

Objetivo: Reunir a família para gozar o espírito de amor e companheirismo com nossos irmãos, pois também são filhos do Pai Celestial.

- Entretenimento: Planeje atividades em que tôdas as pessoas presentes possam participar e divertir-se.

4. *Vivendo o espírito de amor e fraternidade*

Eis aqui algumas sugestões que darão significado a essa experiência:
1. Converse com os membros da família, ajudando-os a terem maior apreciação por seus amigos e parentes.
2. Quando orar em família, use o tempo para agradecer por seus amigos.
3. Designe uma responsabilidade a cada membro: preparar algo para a refeição, tomar parte no entretenimento, preparar o lar, ou mesmo ajudar os irmãos menores a vestirem suas roupas. Ajude-os a compreender que se executam essas designações com espírito de amor, sentirão alegria.
4. Comece a reunião ou refeição com uma oração ao nosso Pai Celestial, agradecendo-O pelo conhecimento de que Êle é nosso Pai e que todos na face da terra somos irmãos; agradeça-O, também, pela alegria e enriquecimento dessa reunião, onde reina o espírito de amor.

Nota: Para que essa atividade seja bem executada e traga os resultados esperados, a família terá duas noites para realizá-la.

4.ª SEMANA — DEVEMOS APRENDER OS PRINCÍPIOS DA REVELAÇÃO

Lição:

1. *Nosso Pai Celestial nos ama*

Comece a lição perguntando aos familiares como sabem que o Pai Celestial os ama. A idéia de que somos amados pelo Pai foi discutida em diversas lições anteriores.

A família deverá discutir nesta ocasião a evidência do amor do Pai por Seus filhos. Peça-lhes para lembrarem novamente algumas dessas evidências. Depois de cada qual ter respondido, diga-lhes que a única maneira de sabermos se nosso Pai nos ama é através dos profetas, os quais o demonstraram várias vêzes. Peça à família para ler a primeira sentença do versículo 4:16 em I João, "E nós conhecemos e cremos o amor que Deus nos tem..." Por causa de seu grande amor por nós, o Pai faz todo o possível para nos orientar. Essa orientação é outra prova do profundo amor por cada um de seus filhos.

2. *Definindo a revelação*

A orientação vem em forma de revelação. Certifique-se de que cada membro de sua família tenha compreendido o significado de "revelação". Observe que o sentido de "revelação", usado nesta lição será, "tornar conhecida a verdade divina, através da comunicação dos céus; é a ação de Deus, comunicando Sua vontade aos homens. "Há uma palavra grega que significa quase o mesmo que revelação. É a palavra "apocalipse", e significa "descobir" o que foi inteira ou parcialmente escondido. Significa, também, "retirar o véu que obstrói o conhecimento." Isto é o que acontece quando recebemos revelações de nosso Pai.

Peça à família para dar exemplos de revelações, os quais possam esclarecer o significado da palavra. Se quiser, use um dos seguintes:
A. Os Dez Mandamentos foram uma revelação dada a Moisés para orientar o povo de Israel e também para nos ajudar agora.
B. Os ensinamentos que Jesus deu quando estava na terra são revelações, "Porque não tenho falado por Mim Mesmo, mas o Pai que Me enviou, êsse Me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o Seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que Eu falo, como o Pai Me tem dito, assim falo." (João 12:49-50) Peça à família para enumerar alguns dos ensinamentos que aprenderam nas lições anteriores.
C. A primeira visão que Joseph Smith recebeu quando tinha 14 anos foi uma revelação. O que isto significa? (Que nosso Pai Celestial é um Personagem Real, que ouve e atende nossas orações.)
D. A Palavra de Sabedoria é uma revelação dada para nos orientar a tomar conta de nossos corpos.
E. Uma revelação que nos diz como nos conduzir no Dia do Sábado é encontrada em D&C 59:9-22. Peça a um filho para lê-la.

3. *Necessitamos de orientação através da revelação*

Ajude sua família a compreender o quanto necessitamos de revelações de nosso Pai, pedindo-lhes para pensarem o que nossas vidas seriam sem as mesmas. Deixe que respondam à vontade. Depois complete: Sem as verdades reveladas por nosso Pai Celestial, nosso mundo seria muito diferente do que é agora. Não teríamos a verdadeira Igreja, nem a oportunidade de casar no templo; não saberíamos que todos somos filhos de Deus e, assim, irmãos uns dos outros. Faça-os compreender que tudo faltaria em nossas vidas, se não tivéssemos as revelações do Pai Celestial.

4. *Importantes requisitos da revelação*

Devido ao amor do Pai, Êle está ansioso para nos ajudar, a fim de nos revelar Sua intenção e vontade. Mas a revelação não vem fàcilmente. Devemos executar a nossa parte, preparando-nos para recebê-la: "Êle é o grande Mestre, e nós os alunos. A fim de sermos ensinados, temos de fazer a nossa parte. Devemos fazer uma preparação para recebermos a revelação." (Lowell L. Bennion, An Introduction to the Gospel, p. 86) Como seria esta preparação? Deixe a família discutir e escreva as respostas num gráfico ou num pedaço de papel. Oriente a família para a seguinte conclusão (Adicione outras que a família sente ser importantes):
A. Deverá haver, primeiramente, necessidade reconhecida pela pessoa que poderia receber a revelação — a necessidade de saber alguma coisa que a razão não pode conceber.

Poderá ser algo pessoal, tal como a necessidade de saber qual seria a vocação de uma pessoa, qual seria o companheiro eterno, a necessidade de obter um testemunho, etc.

Deixe os familiares enumerarem outras necessidades pessoais que podem sentir.

O Profeta Joseph, quando jovem, tinha uma profunda necessidade de saber qual das igrejas era a de Deus. Essa profunda necessidade precedeu sua revelação.

Poderá ser uma necessidade sentida pelos pais ao tentarem guiar seus filhos.

Poderá ser uma necessidade sentida por uma pessoa que está liderando na Igreja. Quando o Profeta foi incumbido de estabelecer a verdadeira Igreja de Cristo na terra, não sabia como organizá-la e como ensinar. Sentiu grande necessidade da ajuda de uma fonte divina. Em uma seção de D&C vemos claramente algumas das necessidades de Joseph Smith e daqueles que o ajudaram a organizar a Igreja. Se sua família é constituída de adultos ou jovens, leiam os versículos 24-28 da seção 1.

Quais necessidades são mencionadas aqui? (A necessidade de compreensão, sabedoria, estar livre do pecado e ser fortalecido.)
B. A fim de receber revelações de Deus, a pessoa deve procurá-las séria e fervorosamente. O Senhor disse, "Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á." (Mat. 7:8)

A revelação não surge como uma pequena chama, não é inesperada; vem porque alguém pediu-a sinceramente. É impossível para o professor ensinar, se o estudante não tem um ardente desejo de aprender e sinceramente procura o conhecimento. As revelações feitas a Joseph Smith vieram depois do

profeta ter procurado o Senhor numa prece. As revelações sôbre a organização e govêrnos da Igreja, sacerdócio, batismo e muitas outras coisas vieram como resposta à pergunta feita ao Senhor sôbre êsses assuntos.

O Profeta registra muitas e muitas vêzes em D&C, "inquirí do Senhor e recebi como resposta a seguinte revelação." Então segue-se a revelação. Aproximadamente tôdas as revelações foram precedidas por um período de estudo e sincera oração. Cada um de nós, que está desejoso de cumprir com a condição de pedir sinceramente a ajuda de nosso Pai, pode receber revelação para sua própria vida, como um profeta pode recebê-la para a Igreja. Discutiremos isso com maiores detalhes na lição seguinte.

Aprender como orar, para que realmente possamos nos comunicar com nosso Pai seria parte da preparação para recebermos a revelação d'Êle.

C. Uma pessoa deve viver de maneira que possa ser digna de receber revelação.

Rever com a família as qualidades que falamos nas lições anteriores, as quais poderão tornar uma pessoa digna de receber revelação. Poderíamos esperar que nosso Pai revelasse Sua vontade aos homens que não estão em harmonia com os Seus propósitos? Lembre à família que o Senhor sabe quão dificultoso é para nós sermos perfeitos e que Êle é misericordioso e benévolo.

5. *Como a revelação é dada*

Pergunte aos membros da família como acham que a revelação é dada por nosso Pai. Deixe cada um expressar-se livremente; não corrija qualquer concepção errônea que nessa ocasião talvez expressem. Use o seguinte, para ajudar a família a ter uma compreensão mais nítida da maneira pela qual o Senhor revela Sua vontade aos homens:

VISÕES

Em ocasiões importantes da história do mundo, o Senhor manifestou-Se aos Seus profetas e falou-lhes face a face. Deixe a família enumerar essas várias ocasiões. Moisés viu e falou com o Senhor inúmeras vêzes. Em Êxodo, lemos, "Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo."

No templo de Jerusalém, Isaías teve uma visão do Senhor que o encheu de assombro. (Isaías 6)

Estevão teve uma visão do Pai e do Filho antes de ser apedrejado. Outros exemplos que vieram aos servos escolhidos do Senhor foram a visão de Jesus, que Paulo teve no caminho de Damasco e a visão d'Êle, recebida pelo irmão de Jared.

O Profeta Joseph recebeu uma gloriosa visão do Pai e do Filho, "na manhã de um belo e resplandecente dia de primavera de 1820." Em outras ocasiões, Joseph Smith recebeu maravilhosas manifestações. Leia com a família em D&C, seção 76, os versículos 11-14 e 22-24.

INSPIRAÇÃO

Muitas das revelações do Pai e Seus Filhos não vieram através de visões, mas sim de uma maneira menos espetacular, através do "cicio suave e tranqüilo" do Espírito Santo. Esta é uma das verdadeiras revelações encontradas em D&C. Peça à família para ler junto em D&C, a seção 8:2-3. Depois disso, peça a um familiar para ler a seguinte declaração, feita pelo Profeta, quando explica sôbre o espírito de inspiração que o auxiliou muitas vêzes em seu chamado profético:

"Uma pessoa pode beneficiar-se, notando a primeira intimação do espírito de revelação; por exemplo, quando você sente a inteligência pura fluir, ela talvez lhe dê manifestações repentinas de idéias, de modos que ao notá-la você talvez a veja cumprida no mesmo dia ou bem logo (isto é, coisas que foram apresentadas em sua mente pelo Espírito de Deus, as quais se realizaram) e então por apreender o Espírito de Deus e compreendê-lo até tornar-se perfeito em Jesus Cristo." (History of the Church III:381)

A seguinte excelente explanação do processo de inspiração, escrita por um homem que estava intimamente associado ao Profeta, deverá ser lida para uma nítida compreensão do conceito. São de Wilford Woodruff, que se tornou presidente da Igreja.

"Agora, com respeito à revelação, — o que é? É a inspiração do Espírito Santo ao homem... Joseph Smith disse ao Irmão John Taylor, em seus dias, 'Você observa a impressão do Espírito de Deus, os murmúrios do Espírito em sua direção; conserve-os em sua vida e tornar-se-ão um princípio de revelação para você, que conhecerá e compreenderá êsse Espírito de poder.' Esta é a chave, a pedra fundamental de tôda revelação. Joseph Smith estava cheio de revelação. Poderia traduzir qualquer coisa dada por Deus. Pôde receber revelação sem o Urim e o Tumim. Muitas das revelações contidas em D&C foram recebidas sem o uso dêles. Foram dadas a êle pela inspiração do Todo-poderoso." (Wilford Woodruff, Discourses at Bear Lake Stake Conference, Paris, Idaho, 10 de agôsto de 1891)

O que o Presidente Woodruff disse que uma pessoa deveria fazer se tivesse revelação do Espírito de Deus? Leia em voz alta a frase que responde a esta pergunta: Observe a impressão do Espírito de Deus... observe os murmúrios do Espírito em sua direção... conserve-os em sua vida.

Através da inspiração, as revelações de nosso Pai são dadas a Seus profetas e a cada pessoa que satisfaça Suas condições. Agora pergunte aos familiares se suas idéias sôbre como a revelação é dada mudaram.

TESTES DE REVELAÇÃO

Pergunte à família como uma pessoa sabe se está inspirada pelo Espírito de Deus e como ela pode saber se alguém mais está inspirado. As pessoas têm sido enganadas por homens que afirmam possuir inspiração, por isso é importante que saibamos a resposta desta pergunta. Faça um breve período de estudo com os familiares, se já podem ler as seguintes passagens sòzinhos. Peça que cada um leia para si, silenciosamente, em D&C as seções 7:13-17 e 9:7-9 e depois responda à questão solicitada. Explique à família que êsses versículos foram dados após uma experiência interessante que aconteceu a Oliver Cowdery, o qual desejava ajudar Joseph Smith na tradução. Êle tentou traduzir mas falhou e êsses versículos contam-nos o porquê; também nos dão uma explanação de como podemos saber se a revelação é de Deus ou não.

Após a família haver respondido, estabeleçam juntos algumas regras simples que os auxiliem a saberem quando uma revelação é inspirada por Deus. O seguinte poderá orientá-los:

1. A revelação deve estar em harmonia com os atributos de nosso Pai Celestial — com Seu amor, justiça, misericórdia, etc.
2. Deve estar em harmonia com o evangelho que nos foi transmitido.
3. Deve dar-nos o "sentimento de exatidão" após estudarmos e orarmos sôbre isso — e também um sentimento de paz, alegria.
4. Deve estar em harmonia com os sentimentos da autoridade do sacerdócio que está presidindo.

6. *O revelador da Igreja*

O Senhor, em Sua infinita sabedoria, designou um homem na terra, com o

PROGRAMA SUGERIDO

4ª semana

Hino: À escolha.

Oração:

Lição: Devemos apreciar os princípios da revelação.
Objetivo: Ajudar os membros da família a crescerem em compreensão e apreciação pelo espírito de revelação, estimulando-os a cumprir com as condições que lhes trarão revelação pessoal.

Poesia: Por qualquer dos familiares.

Memorização: Mateus 7:8.

Atividade: Qualquer jôgo de adivinhação.

Hino: Um anjo do alto, n.º 167.

Oração:

Lanche: Pizza com guaraná.

direito de receber revelações que se apliquem a todos nós, de uma maneira geral. Êsse homem é algumas vêzes chamado de revelador, o qual sempre possuirá o sacerdócio. Deixe a família enumerar os nomes dos que tiverem essa designação na antiga Israel, no tempo de Jesus Cristo e desde a restauração da Igreja. Quem possui êsse encargo hoje em dia? (O Presidente da Igreja) Torne claro que a revelação é dada e recebida hoje como o foi nos tempos antigos.

Quando a Igreja foi organizada, o Senhor instruiu os membros da Igreja sôbre Seu profeta, vidente e revelador, (Vide D&C 21:4-5 e 43:2-3) Essas mesmas instruções são válidas atualmente, com respeito ao homem que permanece como o profeta, vidente e revelador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

7. *Aprendendo sôbre revelação, segundo os conselhos de Joseph Smith*

Durante a próxima semana, a família poderá aprender de um modo inesquecível algo sôbre a revelação, tentando seguir o conselho que Joseph Smith deu a John Taylor. Leia novamente as palavras do Pres. Woodruff a respeito dêsse conselho (Observe as impressões do Espírito...) Conte aos familiares algumas experiências que tiveram quando foram influenciados pelo Espírito do Senhor. Imagine com a família as possíveis situações que podem surgir em suas vidas, quando necessitarão de orientação do Espírito do Senhor, isto é, como decidir se devem ou não tomar determinada decisão, qual o melhor modo de trabalhar com alguém que nos é antagônico, qual curso a seguir na escola, como conservar os amigos e não acompanhá-los quando propõem alguma coisa errada, etc. Pensem sòmente nas situações que se aplicam à sua família. Sugira que escutem os ditames do Espírito Santo, quando tais situações surgirem. Sugira, também, que procedam como Joseph Smith, ou seja, que "perguntem ao Senhor e então escutem os Seus ditames. Escreva ou peça a um dos filhos para escrever as palavras de Joseph Smith ao Irmão John Taylor e coloque-as no gráfico ou num lugar onde todos possam vê-las durante a semana.

- - - ★ - - -

Há momentos na vida de uma pessoa em que, não importa qual a posição do corpo, a alma fica de joelhos.

Victor Hugo

- - - ★ - - -

MOTIVO

Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe

e a minha vida está completa.

Não sou alegre nem triste:

Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,

Não sinto gôzo nem tormento.

Atravesso noites e dias

No vento.

Se desmorono ou se edifico,

Se permaneço ou me desfaço,

— não sei, não sei. Não sei se fico

ou se passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.

Tem sangue eterno e asa ritmada.

E um dia sei que estarei mudo:

— mais nada.

ARTIGO DE CAPA

Recife de madrugada,
foto do Pres. Beck

Pres. Hélio da Rocha Camargo

A escuridão da noite desmaia aos poucos. Para os lados do mar, junto à linha do horizonte, as estrêlas empalidecem à medida que a claridade galga o céu empurrando a noite para o lado oposto.

Um leve tom amarelado, vagarosamente se vai espalhando acima do horizonte, na cabeceira da estrada que o sol em breve há de percorrer. O negror da noite gradativamente cede, transformando-se primeiro em azul escuro, que em seguida vai-se diluindo em tons cada vez mais claros.

Os contornos das coisas tornam-se mais distintos, enquanto a madrugada avança. O amarelo, a princípio apenas suspeitado, carrega-se agora em nuances de alaranjado, numa extensa faixa ao longo do horizonte. Raios rubros surgem aqui e alí e dentro de instantes é como se todo o horizonte entrasse em combustão.

O vento fresco, em rajadas brincalhonas, estende sucessiva e incansàvelmente as verdes ondas do mar sôbre as areias da praia, desmanchando-as em magníficas toalhas de alvíssimo rendado. Dança a brise entre os coqueiros, fazendo-lhes farfalhar a copa e inclinar graciosamente o tronco, na meia luz da ante-manhã.

Pelas ruas ainda adormecidas da cidade, passam os primeiros madrugadores. São pescadores em busca do mar, trabalhadores no rumo do labor diário, ou empregados que se dirigem ao mercado. Os primeiros caminhões dilaceram o silêncio da madrugada, quase envergonhados da brutalidade com que perturbam o sagrado recolhimento do nascer do dia.

Já os últimos andares dos mais altos edifícios brilham, lavados em ouro pelos primeiros raios do sol.

Para os lados do poente, onde as últimas sombras se haviam escondido, resistindo à chegada da luz, a noite finalmente vencida embrulha em rolos os seus negros mantos e furtivamente desliza para trás do horizonte.

Eleva-se por fim, acima do mar em fogo, a estupenda corôa do sol, banhando em luz a bela cidade do Recife.

Progressista, amável, rica de tradições, cheia de vida e saborosa como uma daquelas frutas suculentas que só o nordeste conhece, a capital de Pernambuco é um vibrante centro de cultura e progresso a espargir sua influência e simpatia, não só pelos arredores mais próximos, como também por todo o território brasileiro, permeando todos os aspectos da vida nacional.

Com aquêle mesmo dinamismo e simpatia que caracterizam tão bem a histórica cidade, nasceu em Recife nos últimos anos, um vigoroso Ramo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, espalhando ao redor a irresistível mensagem da Restauração do Evangelho e influenciando com seu exemplo todos os membros da Missão Brasileira.

Uma capela nova, atualmente em construção, acrescentará uma nota de beleza à cidade, conferindo ao mesmo tempo aos santos que alí se reunem as condições indispensáveis para a expansão de sua obra.

Nossas orações e esperanças erguem-se a Deus, rogando que nos ajude a fazer de Recife em breve uma cidade de santos, onde a luz do evangelho se eleve gloriosa, vivificante e cálida como o sol de um nôvo dia e trazendo a promessa de um futuro glorioso ao nordeste e a todo o Brasil.



Quem mais vai à California com apenas uma escala?

Ninguém.

A Pan Am é de longe o seu mais conveniente meio de viajar. Embarque no Rio. Escale no Panamá. Próxima parada: Los Angeles! E, de lá, direto a San Francisco.

Com apenas uma escala você vai a Miami: Pela Pan Am. E sem escalas, a Nova York. (Existem vôos especiais do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, que fazem conexões imediatas com êstes vôos). Onde quer que você vá com a Pan American você recebe especial consideração: a mais calorosa acolhida, a atenciosa cortesia e a soberba cozinha internacional da Pan Am. E ainda mais importante: você terá a satisfação de saber que escolheu a melhor: A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo. Reservas para todo o mundo, procure seu Agente de Viagens ou a Pan Am. Temos escritórios no Rio, São Paulo, Brasília, Belém, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Recife, Campinas, Pôrto Alegre.

PAN AM

A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico... Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao Redor do Mundo.